

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 06/04/09 a 10/04/09)

A semana teve um peso importante no cenário mundial, por marcar a reação do mundo aos eventos internacionais da semana anterior, sobretudo no que diz respeito à reunião do G-20 e ao encontro da OTAN. Em ambos os casos, o presidente norte-americano Barack Obama foi colocado à prova e, mais uma vez, se saiu muito bem. De fato, foi a primeira viagem internacional de Obama e, para um presidente considerado por muitos inexperiente e despreparado para questões diplomáticas, ele passou muito bem no teste. O mais importante é que mostrou uma postura diametralmente oposta em relação ao presidente Bush: foi mais cooperativo, mais humilde e mais capaz de buscar o entendimento.

No G-20, conseguiu resolver impasses, como o que aconteceu entre a França e a China no caso dos paraísos fiscais, e divergências com a Alemanha sobre a reação dos grandes países à crise.

Na OTAN, conseguiu menos apoio do que queria para as tropas no Afeganistão, mas foi capaz de ceder. Fez inclusive declarações inesperadas e bem recebidas, como quando afirmou na Turquia que: "Muitos americanos têm muçulmanos em suas famílias. Eu sei, porque sou um deles".

No Iraque, onde se temia que o novo presidente norte-americano fosse hostilizado pelas tropas, o que se viu foi uma grande festa para recebê-lo, derrubando o mito de que as Forças Armadas só apóiam os Republicanos.

Em suma, Obama soube ser diplomático e agradar todas as partes. Pequenos gestos, como o elogio ao nosso presidente, por exemplo, mostraram que Obama está buscando parcerias, abandonando a velha postura de que os Estados Unidos são os donos do mundo. Obama disse aos jornalistas norte-americanos que o país é melhor quando admite que tem de agir em parceria.

Aqui no Brasil, tivemos mais uma semana de notícias ruins para a atividade econômica, apesar da inflação continuar mostrando que deixou de ser um problema. Mas, sem dúvida, o que mais se destacou foi a demissão do presidente

do Banco do Brasil. O Banco do Brasil (BB) é uma empresa de capital aberto, ou seja, o Governo não é o dono, mas é o maior acionista. Por isso, a demissão assustou e derrubou as cotações dos papéis do banco, que caíram 8% no dia da demissão e continuaram caindo nos dias seguintes. Tudo bem que as ações do BB foram as que mais subiram este ano entre os maiores bancos, então parte dessa queda acontece por realização de lucros, mas o problema vai um pouco além disso.

A intenção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao demitir o presidente do BB foi lutar contra o elevado spread bancário que temos em nossa economia, mas mesmo que a intenção se justifique, o Governo administrar um banco de economia mista não faz sentido. Se o BB tem acionistas privados, ele tem que operar com as regras do mercado, buscando lucro e competindo com os outros bancos. Se ele vai ser administrado pelo presidente da República ou pela chefe da Casa Civil, então não pode ter ações no mercado.

A questão do spread bancário é, sem dúvida, um problema a ser combatido no Brasil, mas não da maneira como o Governo tentou fazer. O spread, ou seja, a parte dos juros que fica com os bancos, é com certeza alto demais no Brasil, mas reduzir essa taxa não é simples como parece. Fazer com que o BB derrube fortemente os juros de um dia para o outro é uma maneira de atrair as empresas sólidas e as pessoas com bom histórico, aumentando a competição no segmento competitivo, oferecendo dinheiro para quem já tem crédito. Já no caso do banco resolver emprestar para empresas e pessoas que representem maiores riscos, a exposição ao risco de inadimplência será muito maior. Esta lógica toda só pra deixar claro que no momento em que a economia se encontra, a medida não terá o efeito desejado. Se o país ainda estivesse com a oferta de crédito aquecida, como antes da crise, o Governo poderia de fato ter reduzido o spread bancário através dos bancos públicos. Na atual conjuntura, só o que o Governo conseguirá é derrubar a rentabilidade do BB, reduzindo a arrecadação do Governo e dos



acionistas privados do banco. Controlar o BB só reduz o ganho do pequeno acionista.

Cenário Internacional

O jornal britânico The Times afirmou que os ativos podres dos bancos e seguradoras podem totalizar 4 trilhões de dólares, segundo nova previsão a ser divulgada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Em janeiro, o FMI divulgou prever que tais ativos totalizariam 2,2 trilhões de dólares até o fim do ano que vem, mas esse número deve ser revisto para 3,1 trilhões de dólares na próxima avaliação global do FMI, em 21 de abril, segundo o jornal. Além disso, o FMI deve aumentar em 900 bilhões de dólares a estimativa para os ativos podres da Europa e da Ásia. Enquanto esse valor não estiver totalmente precificado e limpo, a crise sistêmica na economia mundial vai continuar. Com isso, o crédito não circula e não fomenta produção nem consumo: é a premissa básica da crise atual.

A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) afirmou na terça-feira que Uruguai, Costa Rica, Malásia e Filipinas se comprometeram a adotar padrões internacionais de transparência financeira, pondo fim com isso à lista negra de paraísos fiscais divulgada na quinta-feira que passou, no encerramento do encontro do G-20 em Londres. O Uruguai já tinha sido retirado da lista na última sexta-feira. A lista da OCDE de paraísos fiscais era dividida em três categorias: a lista negra era composta por países que não respeitavam os padrões internacionais; já a lista cinza escura é formada por países que se comprometeram com as regras internacionais, mas não as adotaram de forma substancial; e a lista cinza clara, por sua vez, contém países que têm compromisso total com os padrões internacionais.

A agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) revelou na terça-feira um crescimento recorde no número de companhias que reduziram o pagamento de dividendos durante o primeiro trimestre deste ano. De acordo com a S&P, das cerca de 7 mil empresas que lhe informam o pagamento da remuneração, 367 diminuíram os valores, o que representa um crescimento de 332% em relação ao

mesmo período de 2008, quando apenas 83 companhias cortaram os dividendos. Já entre as empresas que aumentaram o pagamento, houve uma queda de 52,7% em relação ao primeiro trimestre de 2009, para 283 companhias. A relação entre as elevações de pagamento de dividendo e reduções atingiu o pior nível desde 1955, segundo a S&P. Em valores, o montante que deixou de ser pago monta a US\$ 77 bilhões. A Standard & Poor's acredita que nós podemos ter visto agora o maior movimento de cortes nos dividendos, mas, ainda assim, o verdadeiro teste vem em agosto e setembro, quando as companhias começam a rever seu orçamento para 2010. Se não sentirem confortáveis de que terão um 2010 forte, nós podemos viver uma nova rodada de cortes.

Segundo um diagnóstico da agência de classificação Moody's Investors Services na terça-feira, o risco de crédito das empresas latino-americanas aumentou nos últimos seis meses em razão da crise financeira, que além de desacelerar as economias locais, reduziu o apetite dos investidores e bancos por papéis emitidos pelas companhias. A agência ainda informou que 23% das empresas emissoras de títulos da região estão com perspectiva negativa ou sob revisão para possível rebaixamento, contra 10% em setembro de 2008. Diante da maior dificuldade em captar recursos de longo prazo, as empresas vêm recorrendo a financiamentos de vencimento mais curto, seja via emissão de dívida ou linhas de crédito bancário. Em 2009, as companhias não-financeiras avaliadas pela Moody's têm US\$ 61 bilhões a vencer em dívidas de curto prazo, porém contam com um caixa de US\$ 86 bilhões para cobri-las. Para 2010 e 2011 o valor a ser coberto é de US\$ 73 bilhões. A dependência de linhas de curto prazo é, de acordo com a agência, um dos principais motivos para o aumento do risco das empresas da região, juntamente com o fluxo de caixa livre negativo causado por altos investimentos de capital, além dos pagamentos extraordinários de dividendos.

Segundo previsão da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, braço da ONU), a economia da América Latina e do Caribe cairá 0,3% em

2009, na primeira recessão após seis anos de crescimento. A Cepal revisou as estimativas diante dos maus resultados registrados na região no último trimestre de 2008. Para o órgão, a taxa de desemprego regional alcançará 9% no ano, ante 7,5% em 2008, elevando a informalidade e a pobreza. O Brasil, segundo a Cepal, será um dos países mais afetados, com queda de 1% no PIB, ao lado de México (-2%), Costa Rica (-0,5%) e Paraguai (-0,5%). Pela estimativa de dezembro do órgão, o Brasil crescerá 2,1% neste ano, mais do que a média regional, avaliada então em 1,9%. A Cepal avalia que a região está mais preparada para os impactos financeiros da crise mundial, por ter acumulado reservas e reduzido dívidas, o que não imaginava é que os efeitos reais chegassem tão rápido. No Brasil, as turbulências financeiras externas ajudaram a reduzir a oferta interna de crédito, com prejuízos à produção e ao consumo, quadro agravado pela incerteza decorrente de perdas milionárias registradas por grandes empresas em operações de câmbio. A recessão na América Latina, estima a Cepal, será puxada por Brasil e México, as duas maiores economias da região (representam 60% do PIB regional), das quais o México sofre os efeitos da dependência dos Estados Unidos e da baixa do petróleo. Mesmo entre os países que crescerão mais (Panamá (4%), Peru (3,5%), Cuba (3%) e Bolívia (3%)), o desempenho resulta do arrasto estatístico de 2008. Essa inércia também justifica a previsão da Cepal de crescimento de 1,5% para a Argentina, índice que significa um estancamento da economia local em 2009, país que poderá ter dificuldades para afrontar vencimentos de dívida em 2010, por falta de dólares na economia. Para o Chile, a estimativa da Cepal é de crescimento nulo no ano, em um cenário de recuperação gradual impulsionada pelas medidas anti-crise do governo (subsídios diretos e investimentos públicos que somam 2,5% do PIB).

Ainda Segundo a Cepal, os governos da região foram rápidos na adoção de medidas de política monetária e financeira, como redução dos encaixes obrigatórios no sistema bancário e abertura de linhas de crédito. Contudo, avalia,

são ações limitadas pela dimensão reduzida dos mercados financeiros locais. A Cepal defende uso de instrumentos de política fiscal, e prefere medidas orientadas a elevar gastos, como subsídios focalizados a setores pobres, a corte de impostos (isso porque é mais provável que o aumento de renda privada decorrente de baixas tributárias seja economizado, e não gasto).

A Agência Internacional de Energia (AIE) avalia que a Opep, cartel do petróleo, poderá ser levada a cortar mais uma vez sua produção em maio, já que continua a queda da demanda global. Até agora, a AIE projetava redução de 1,2 milhão de barris por dia na demanda, mas estima que o auge da demanda de inverno, que sustentava os preços atuais, já passou e a tendência parece ser mesmo de queda maior no consumo. David Fyfe, um dos principais economistas da AIE, disse na segunda-feira num seminário fechado na Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), em Genebra, que 2009 registrará a maior queda global de demanda de petróleo desde o início dos anos 80: a economia dos países ricos despencou, mas agora também economias em desenvolvimento estão desacelerando mais do que o previsto e consumindo menos petróleo. Para a AIE, a demanda por petróleo só voltará a aumentar, embora fraca, por volta de 2011, impulsionada pelos setores de transportes e petroquímico na Ásia e no Oriente Médio. A crise já provocou um corte de 2,5 milhões de barris por dia na capacidade de crescimento do suprimento pós-2011. Outras suspensões ou atrasos em exploração do óleo para 2009-2014 vão exceder os 6 milhões de barris por dia. O preço baixo compromete também a produção e investimentos em áreas do Canadá e na Rússia, onde alguns projetos só tem sentido de o preço variar entre US\$ 50 e US\$ 80 o barril. Ao mesmo tempo, a AIE já projeta perdas de 2,5 milhões de barris por dia com o declínio de produção em países não membros da Opep, ou seja, num volume maior do que a produção diária do Brasil. Também as projeções para cobre, níquel, zinco e chumbo são pouco otimistas: houve um colapso nos preços em 2008 e a tonelada

de níquel caiu de US\$ 52 mil em maio de 2007 para abaixo de US\$ 10 mil em dezembro de 2008, e o preço do cobre caiu de US\$ 9 mil a tonelada para US\$ 3,4 mil em quatro meses. No caso do níquel, já foram abandonados mais de 20 projetos em 16 países; no caso do chumbo e zinco, projetos foram suspensos em 20 países.

Olhando agora mais de perto as principais economias, nos Estados Unidos, segundo a pesquisa Business Roundtable, divulgada na terça-feira, a confiança dos presidentes-executivos das empresas norte-americanas na economia diminuiu mais no primeiro trimestre, marcando recorde de baixa pela segunda vez seguida. Mais de dois terços dos entrevistados disseram planejar mais demissões e redução de investimentos nos próximos seis meses. O índice de perspectiva caiu para menos 5 no primeiro trimestre, a primeira leitura negativa nos seis anos de história da pesquisa, ante 16,5 no quarto trimestre. Os presidentes ouvidos entre 16 e 27 de março estimam uma contração da economia norte-americana de 1,9% neste ano, abaixo da previsão de dezembro, que era de estabilidade. A maioria dos presidentes, 71%, prevê demissões nos seis meses à frente, 66% projetam menores investimentos e 67% estimam queda das vendas no período.

Na quarta-feira, foi divulgada a Ata da última reunião do FOMC, que mostrou que a visão sobre a atividade prospectiva para os Estados Unidos continua se deteriorando: as projeções para o PIB, tanto de 2009 quanto para 2010, foram revisadas para baixo, em resposta à visão do Comitê de que apenas no próximo ano a atividade começará a ser retomada. Essa volta ao crescimento, que deverá acontecer de forma gradual, se dará à medida que o mercado financeiro volte a atuar normalmente e os efeitos das políticas de afrouxamento monetário e fiscal comecem a surtir efeito. No documento, o Fed alerta para a contaminação de alguns setores que vinham se mantendo bem em relação à crise, como agricultura e o setor de energia, além de ressaltar o problema dos estoques em

novos setores da economia. Em relação ao consumo das famílias, a leitura do FOMC é que parece ter ocorrido certa estabilização entre os dois primeiros meses desse ano, no entanto, isso não deve ser visto com otimismo exagerado, pois a questão da confiança e do crédito ao consumidor ainda poderão trazer novas rodadas de recuo no consumo. Por fim, o Fed ainda menciona que a expectativa para o início da recuperação da atividade continua uma incógnita, com divergências entre os membros do Comitê: alguns acreditam que o final do ano deverá marcar o início da retomada, ao passo que ainda há dúvidas em relação ao tamanho do aumento da poupança e o ritmo de recuperação do mercado financeiro. Em suma, o Fed aponta três problemas principais para a economia do país: a produção industrial continua fraca, o consumo se manteve estagnado num patamar baixo nos dois primeiros meses do ano, e a situação do crédito continua travada.

Em relação ao mercado financeiro, sob pressão de legisladores e instituições financeiras, a Securities and Exchange Commission (SEC, comissão de valores mobiliários dos Estados Unidos) colocou em audiência pública cinco propostas para limitar vendas a descoberto, que permitem que um investidor aposte na baixa de uma ação (as medidas sofrerão críticas e sugestões do mercado pelos próximos 60 dias). As propostas variam desde republicar a regra antiga até criar uma nova regra que poderia ser aplicada em severas condições de mercado. Uma das abordagens que a SEC considera é republicar a "uptick rule", removida em 2007 após 70 anos: a regra permite vendas a descoberto somente se o negócio precedente elevou o preço da ação da companhia em ao menos US\$ 0,01. A segunda proposta é parecida com a "uptick rule" antiga, só que permite a venda a descoberto caso ela seja feita num preço acima da maior oferta de compra disponível, mesmo que nenhuma transação tenha sido fechada neste preço. Nestes dois casos, as regras seriam permanentes e valeriam para todos os papéis. A SEC pede também a opinião dos interessados sobre outras três

propostas, chamadas de "testes de circuit breaker", que limitariam a venda a descoberto de uma ação específica por um pregão uma vez que ocorrerem certos gatilhos de preço: em uma hipótese, a venda a descoberto seria suspensa até o final do dia se o preço de uma ação tiver caído acima de um determinado percentual; em outra proposta, a antiga "uptick rule" seria aplicada, com base no último preço disponível de venda, somente após essa forte queda da ação; na terceira opção, haveria a versão modificada da "uptick rule", baseada na oferta de compra (e não na de venda), somente após uma pronunciada desvalorização do papel.

No que tange a atividade no país, o índice ISM do setor de serviços recuou, passando de 41,6 para 40,8 pontos, abaixo do esperado pelo mercado. A queda nos componentes de novos pedidos e emprego motivou o recuo do índice, queda para 38,8 e 32,3, respectivamente. O índice sugere que o setor de serviços apresentou uma contração em março, pelo sexto mês consecutivo e ainda indica uma economia em contração.

Na mesma linha, os dados oficiais da folha de pagamento, divulgados pelo Departamento do Trabalho norte-americano, também se mostraram enfraquecidos: o corte de vagas em março foi de 663 mil e ocorreu de forma generalizada entre os diversos segmentos da indústria. Vale lembrar que houve uma revisão para um corte ainda maior nos dois primeiros meses do ano. A taxa de desemprego subiu de 8,1% para 8,5%, como o esperado. Nos últimos cinco meses, a destruição de vagas totalizou 3,3 milhões de postos e o desemprego cresceu 1,9 pontos percentuais. Na contra-mão, os novos pedidos de seguro-desemprego nos Estados Unidos caíram em 20 mil na semana passada em relação à anterior, para 654 mil. Na média das quatro últimas semanas até o dia 4 de abril, houve um recuo de 750 solicitações, para 657,250 mil, perante a média antecedente, de 658 mil (revisada). Ainda que o mercado tenha se mostrado mais otimista nas últimas semanas em relação às perspectivas de

recuperação da economia norte-americana, este resultado ruim do mercado de trabalho deverá ainda refletir na confiança do consumidor, com possíveis impactos negativos para consumo nos próximos meses.

Ainda sobre o nível de atividade no país, um documento oficial divulgado na quarta-feira mostrou que as vendas dos atacadistas norte-americanos subiram 0,6% no segundo mês de 2009. Os estoques no atacado dos Estados Unidos recuaram 1,5% em fevereiro em relação ao mês anterior, quando tiveram queda de 0,9% (dado revisado). A relação estoques/vendas ficou em 1,31 em fevereiro (um ano antes, marcou 1,14).

Para o mercado imobiliário, o presidente Barack Obama avaliou na quinta-feira que 9 milhões de americanos podem diminuir o pagamento de hipotecas por meio de refinanciamento, usando programas do governo. Falando no início de uma mesa-redonda da Casa Branca sobre financiamento imobiliário, o dirigente americano observou que as taxas de hipotecas estão em níveis históricos de baixa e um proprietário de imóvel típico pode economizar cerca de US\$ 2 mil por ano caso refinance sua hipoteca. Ele atribuiu a queda na taxa dos empréstimos em parte às ações tomadas pelo Fed e em parte às iniciativas de sua administração.

O Departamento do Trabalho norte-americano comunicou na quinta-feira que os preços dos bens importados nos Estados Unidos aumentaram 0,5% em março, depois de terem caído 0,1% um mês antes (dado revisado). O resultado do mês passado foi puxado por uma elevação de 10,5% nos preços do petróleo. Em contrapartida, os preços dos produtos não-petrolíferos diminuíram 0,7%, a mesma taxa apurada em fevereiro e em janeiro deste ano. O relatório oficial mostrou também que os preços das exportações cederam 0,6% no mês passado, seguindo baixa de 0,3% em fevereiro (revisado).

A balança comercial dos Estados Unidos apresentou déficit de US\$ 26 bilhões, decorrente de exportações de US\$ 126,8 bilhões e importações de US\$ 152,7

bilhões. As informações foram apresentadas pelo Departamento do Comércio americano. O resultado comercial negativo ficou abaixo daquele apurado em janeiro, de US\$ 36,2 bilhões (número revisado). Na abertura de 2009, as vendas externas somaram US\$ 124,7 bilhões e as compras ficaram em US\$ 160,9 bilhões. Em fevereiro, o déficit na balança de bens caiu em US\$ 10,1 bilhões ante o primeiro mês deste ano, para US\$ 36,9 bilhões. Em serviços, houve superávit de US\$ 10,9 bilhões, com elevação de US\$ 200 milhões. O déficit menor na balança comercial norte-americana em fevereiro deve fazer com que as projeções para o PIB do primeiro trimestre fiquem um pouco melhores. Houve mais exportações nesse mês e menos importações na comparação com janeiro. As exportações melhoraram depois de seis reduções mensais consecutivas. Passaram de US\$ 124,7 bilhões para US\$ 126,7 bilhões. As importações, na contramão, caíram com força, de US\$ 160,9 bilhões para US\$ 152,7 bilhões, a sétima queda mensal seguida.

O governo de Barack Obama projeta déficit de US\$ 1,75 bilhão para este ano fiscal. Se chegar a essa cifra, o déficit ficará em nível quatro vezes superior ao registrado no ano passado. As despesas de março saltaram para US\$ 321,23 bilhões, incluindo gastos de US\$ 46 bilhões para injetar capital nas financeiras do setor imobiliário Fannie Mae e Freddie Mac, controladas pelo governo, e US\$ 10,6 bilhões para benefícios do Estado a desempregados. Em março de 2008, as despesas ficaram em US\$ 227 bilhões; já as receitas caíram 28% no último mês, por conta da deterioração da economia. Apesar dos sinais de estresse, o presidente Barack Obama disse na sexta-feira que a economia apresenta uma "luz de esperança".

Aproveitando a nova linha de crédito do FMI, Flexible Credit Line, o México pediu dinheiro emprestado à instituição e recebeu US\$ 46 bilhões por um ano. O país vem sofrendo o impacto da queda da economia norte-americana, da qual é

cronicamente dependente. O peso já perdeu um terço do seu valor desde agosto, e o país deve ter uma recessão de 3,3% este ano.

Na Zona do Euro, tivemos o anúncio na terça-feira da revisão do PIB do quarto trimestre de 2008, que sofreu redução em relação ao divulgado anteriormente, passando de -1,5% para -1,6% na comparação com o trimestre anterior. As principais contribuições para a revisão foram os resultados mais baixos de investimento e saldo comercial: os investimentos registraram no período queda de 4% (ante prévia de -2,7%, ambos na comparação na margem), especialmente influenciados pelo pessimismo e queda na confiança no final do ano, após agravamento da crise internacional em meados de setembro; e as exportações foram revisadas para cima (-6,7% ante -7,3%), no entanto, as importações também foram revisadas para cima (-4,7% ante -5,7%), o que levou a uma redução maior do saldo comercial. Alguns componentes foram revisados para cima, e assim evitaram uma queda ainda maior do PIB: consumo das famílias, por exemplo, registrou agora queda de 0,3% (ante queda de -0,9%). A revisão apenas contribui para reforçar o cenário de forte deterioração na economia da região, que deverá apresentar resultados fracos ao longo deste ano.

Os preços ao produtor voltaram a cair em fevereiro na região do Euro, -0,5% na margem, ante queda anterior de 1,1%. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, a queda nos preços foi ampliada, de -0,7% para -1,8%. O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean Claude Trichet, já havia alertado para os riscos de uma inflação bastante baixa na região, com possíveis temores de uma deflação na Zona do Euro.

Para a atividade econômica, os resultados continuam mostrando sinais de enfraquecimento, mesmo com as diversas medidas fiscais e cortes nas taxas de juros: as vendas no varejo caíram 0,6% em relação ao resultado de janeiro, configurando uma queda recorde de 4% na comparação interanual. Com o aumento do desemprego e as incertezas em relação ao futuro, o consumo deverá

continuar a apresentar resultados fracos, contribuindo para novas quedas no comércio varejista na região.

Na Alemanha, principal economia da região, a balança comercial registrou aumento no superávit em fevereiro, passando de US\$ 7 bilhões para US\$ 8,7 bilhões, superando as expectativas. O resultado, que a primeira vista parece positivo, deve ser visto com cautela: o aumento no saldo foi motivado principalmente por uma brusca redução das importações (-4,2% na margem dessazonalizada), ao passo que as exportações continuaram caindo (0,7% na mesma base de comparação). Vale ressaltar que a queda das importações veio em ritmo menor em relação ao mês anterior (-7,4% no valor revisado); em compensação, as exportações alcançaram a quinta queda consecutiva, refletindo a demanda enfraquecida no resto do mundo, contribuindo para a deterioração em curso na economia da região.

Em relação à desaceleração da atividade na Alemanha, as encomendas à indústria mostraram nova queda, de 3,5% na margem dessazonalizada em fevereiro, e 38,2% ante o mesmo período do ano passado. Ainda que a queda seja menor do que a registrada em janeiro (-6,7%), o resultado continua apontando para uma produção industrial muito fraca e evidenciam a retração de demanda enfrentada pelo país. No período, os pedidos domésticos caíram 5,7% e as encomendas externas declinaram 1,3%.

O CPI alemão, referente a março, registrou queda de 0,1%, ante alta de 0,6% do mês anterior, mas em linha com as expectativas. Em doze meses, a inflação ao consumidor da região acumula 0,5% de alta, patamar bastante baixo. Com a queda nos preços das commodities e os sinais fracos da demanda internacional, os preços deverão continuar baixos nos próximos meses.

A produção industrial alemã de fevereiro recuou 2,9% na margem dessazonalizada, menor do que a queda anterior, de 6,1%. Mesmo assim, o dado mostra forte queda em relação à produção do ano passado, -20,6%. Entre as

indústrias com as maiores reduções na produção estão bens de capital e produtos duráveis. Com a indústria ainda bastante enfraquecida, o PIB alemão também deverá se mostrar fraco, com as contribuições pequenas de indústria e investimentos.

Na França, o governo informou na quarta-feira que o déficit comercial aumentou em fevereiro, mês em que as importações e as exportações recuaram fortemente. O saldo ficou negativo em 4,1 bilhões de Euros em termos com ajuste sazonal, comparado a um déficit de 3,7 bilhões de Euros em janeiro. As exportações totalizaram 28,86 bilhões de Euros e as importações somaram 32,97 bilhões de Euros. Em igual mês de 2008, as vendas externas tinham sido de 36,5 bilhões de Euros e as importações somaram 39,4 bilhões de Euros.

No Reino Unido, o Banco da Inglaterra (BoE) manteve na quinta-feira os juros básicos no nível recorde de baixa de 0,5% e informou que vai levar mais dois meses para completar o programa de 75 bilhões de libras (110 bilhões de dólares) de "quantitative easing". Foi a primeira manutenção dos juros desde setembro e, desde então, o BoE já cortou a taxa em 4,5 pontos percentuais para enfrentar a recessão. O BoE sinalizou no mês passado que os juros não cairiam mais, mas que iria injetar dinheiro diretamente na economia, no mecanismo de "quantitative easing", comprando dívida do governo e corporativa, com revisão mensal.

A balança comercial do Reino Unido diminuiu o déficit em fevereiro, para -£ 7,315 milhões. As exportações no período sofreram ligeiro aumento, para £ 18,885 milhões, ao passo que as importações tiveram pequena queda, para £ 26,200 milhões.

A produção industrial apresentou novo recuo em fevereiro no Reino Unido, -1% na comparação com janeiro, diminuindo a queda anterior de 2,7%. Na comparação com fevereiro do ano passado, a retração chegou a 12,5%. Para a queda, contribuíram os recuos nas produções de têxteis, produtos químicos,

metais básicos, maquinário, entre outros. Na variação por grupos, os bens de investimentos foram os que mais sofreram redução, -1,6% na comparação na margem e -16,9% na interanual. Esse resultado mostra que os investimentos continuam em baixa, contribuindo para um PIB menor no ano. A produção industrial na região, que já vem apresentando quedas desde março do ano passado, sofreu com o agravamento da crise internacional em setembro, quando os recuos se tornaram maiores. A restrição maior do crédito, a queda na confiança e as incertezas em relação ao futuro, foram fundamentais na deterioração do cenário para a atividade. As diversas medidas para evitar uma deterioração adicional na economia, como cortes de juros e o anúncio de diversos pacotes de estímulo deram algum fôlego para a confiança, tanto de empresários quanto de consumidores, mas ainda não vemos recuperação substancial da atividade industrial, ao menos no curto prazo.

A produção manufatureira britânica declinou menos que o esperado em fevereiro, mas marcou o 12º mês consecutivo no território negativo, a mais longa série desde a recessão do início da década de 1980. A agência nacional de estatísticas informou na terça-feira que a atividade manufatureira caiu 0,9% em fevereiro sobre janeiro, abaixo da previsão de analistas de recuo de 1,5%. Sobre fevereiro de 2008, a produção despencou 13,8%, maior queda desde janeiro de 1980, com quase todos os setores sendo amplamente afetados pelo colapso do comércio internacional. A agência acrescentou que a produção de automóveis e de produtos metálicos foi um dos destaques de queda do mês.

Na Irlanda, o ministro das Finanças, Brian Lenihan, anunciou durante a apresentação ao Parlamento de medidas de emergência que o país vai contrair quase 8% este ano. O PIB irlandês deve retroceder 7,7% em 2009 e 2,9% em 2010, voltando a crescer 2,7% em 2011, disse Lenihan. As previsões anteriores previam uma contração de 6,75% em 2009. No centro das medidas está um aumento do imposto de renda e o corte de despesas. Quanto ao aumento da

tributação, três novas alíquotas foram criadas para quem ganha até 175 mil Euros anuais. Parte desses contribuintes estava até agora isenta de imposto de renda. Devido aos problemas das contas públicas, a agência de rating S&P baixou a recomendação para a República da Irlanda no mês passado, tornando-o o quarto país Europeu a ver a seu rating revisto em baixa neste ano. A agência Fitch, por sua vez, rebaixou na quarta-feira o rating do país de AAA para AA+. O sistema bancário do país também está sob pressão: analistas dizem que a Irlanda pode ser o primeiro membro da União Européia a adotar, na esteira desta crise, o sistema de "banco bom, banco ruim".

No Japão, o Bank of Japan (BoJ) anunciou na terça-feira sua decisão de manter a taxa básica de juros em 0,10%, por unanimidade. Na avaliação do Banco, a atividade permanece enfraquecida, com forte queda das exportações em relação ao ano passado, declínio nos lucros empresariais e deterioração do mercado de trabalho. Para o BoJ, a atividade econômica deverá se manter em ritmo lento ao longo desse ano, ainda que as exportações e a produção devam diminuir seu ritmo de queda, com o ajuste dos estoques. Para a inflação, a leitura é de que a trajetória dos preços deverá ser bastante benigna ao longo do ano. A autoridade monetária decidiu assim, manter a taxa básica de juros, mas optou por expandir o intervalo de exigibilidade nos mercados financeiros, em mais uma tentativa de assegurar a estabilidade no setor, ao mesmo tempo em que também tomou medidas de incentivo à economia. Segundo o diário local Nikkei, o BOJ acordou intercambiar divisas com o Fed, o BCE e as autoridades monetárias britânica e suíça, devido à escassez de liquidez em moeda estrangeira.

Em mais uma tentativa de socorrer a economia do país, o Japão anunciou na quarta-feira que adotará um orçamento extra no ano fiscal até março de 2010 de 150 bilhões de dólares para estimular a economia em recessão, em um momento em que a crise financeira derruba as exportações do país. O superávit em conta corrente caiu pela metade em fevereiro sobre o ano passado, à medida em que

as vendas externas e a receita de investimentos no exterior diminuiu. O ministro das Finanças, Kaoru Yosano, disse que o pacote incluiria a criação de uma rede de segurança para trabalhadores, medidas para estimular o financiamento corporativo e para aumentar os gastos em sistemas de energia solar.

Na quinta-feira o anúncio do pacote foi oficial, quando o Partido Liberal Democrático (PLD) do Japão apresentou detalhes do pacote de estímulo equivalente a quase 3% do PIB do país. O plano, de 15,4 trilhões de ienes ou mais de US\$ 150 bilhões, inclui renúncias fiscais, recursos para financiamento corporativo e investimentos em saúde. As novas iniciativas devem ajudar a compensar uma queda na demanda por produtos japoneses devido à desaceleração econômica global. Além disso, o primeiro-ministro do Japão, Taro Aso, comprometeu-se a criar 2 milhões de novos empregos nos próximos três anos, e também afirmou que tem a intenção de adicionar 4 milhões de empregos em relação ao nível atual em 2020.

As encomendas de máquinas no Japão recuaram mais uma vez em março, chegando a uma contração de 84,5% em relação ao mesmo período do ano passado, confirmando a forte deterioração da atividade econômica na região. O resultado na margem chegou a apresentar alguma melhora, crescendo 7,7%, mas ainda não recupera as fortes perdas anteriores. Com esse resultado, a produção industrial deverá registrar novamente resultado bastante baixo, o setor industrial trazendo uma pequena, ou até mesmo negativa, contribuição para o PIB japonês. Cabe lembrar que o governo do país, desde o agravamento da crise internacional, já tomou diversas medidas para tentar conter a deterioração adicional de sua economia, com flexibilização da política monetária e com incentivos a empresas, mas ainda não vemos sinais de resposta a esses incentivos no curto prazo.

Os dados da balança comercial japonesa de fevereiro foram divulgados na terça-feira, mostrando uma volta ao superávit, que foi de 202,1 bilhões de ienes. As

exportações continuaram caindo, passando de 3,282 bilhões para 3,310 bilhões de ienes, ao passo que as importações caíram ainda mais, de 4,126 bilhões para 3,107 bilhões.

Segundo dados divulgados na quarta-feira pela empresa de pesquisas Tokyo Shoko, o número de falências no Japão aumentou 12% no ano fiscal terminado em março, ante o ano anterior: foram 16,146 mil empresas que encerraram operações no período. O levantamento mostra que este é o terceiro ano seguido de avanço no número de empresas japonesas quebradas, sendo que o crescimento registrado no período foi o maior desde 2003. Somente em março, foi registrado um aumento de 14,1% nas companhias falidas, atingindo 1,537 mil. O estudo mostrou ainda, que o setor de transportes foi o que mais sofreu no período, com um alta de 33% no número de empresas falidas, seguido de 30% no setor imobiliário e de 29% na indústria de comunicação e informação.

Na China, as exportações caíram a um passo mais moderado do que o esperado, mas, segundo analistas, ainda é cedo para interpretar isso como sinal claro de melhora em um país onde as exportações são responsáveis por um terço da economia. As importações chinesas, por sua vez, tiveram um declínio de 25,1% em relação a março do ano passado, em um movimento mais acentuado do que o previsto, o que resultou na ampliação do superávit de US\$ 4,8 bilhões em fevereiro para US\$ 18,6 bilhões em março. Para as exportações, a projeção era uma queda de 25,7%. O resultado de março segue em linha com outros indicadores recentes que levaram economistas a afirmarem que o pior já passou para a China. Além do programa de US\$ 585 bilhões, as autoridades chinesas reduziram a taxa de juros e induziram bancos estatais a elevarem os níveis de crédito, o que levou a um aumento expressivo no nível dos empréstimos neste ano. Ao lado da Índia, a China está entre as grandes economias que devem escapar de uma recessão neste ano, embora espera-se que sua taxa de crescimento fique bem menor do que em anos anteriores: de acordo com

projeções de economistas independentes, a economia chinesa deve apresentar em 2009 expansão entre 5,5% e 8%, abaixo dos 9% em 2008 e dos 13% em 2007. Apesar dos sinais de melhora, uma recuperação plena está fora do horizonte, pois os principais parceiros comerciais da China, como os Estados Unidos, têm quedas significativas nas importações.

Na Coreia do Sul, a autoridade monetária anunciou na quinta-feira a manutenção da taxa básica de juros do país em 2% ao ano. Este é o segundo mês consecutivo em que o Banco Central do país decide manter fixa a taxa. Em comunicado, o Banco da Coreia comentou que vários indicadores sugerem que o ritmo de queda da economia local está moderando e citou uma melhoria nas vendas de produtos ao consumidor. O Banco Central da Coreia do Sul reduziu a taxa de juros em 3,25 pontos percentuais em seis ações sucessivas desde o início de outubro de 2008 a fim de lutar contra a crise global.

Na Austrália, o Banco Central do país anunciou na terça-feira um corte de 0,25 ponto percentual na taxa básica de juros, que agora ficou em 3% ao ano. Este é o sexto corte desde setembro de 2008, quando a autoridade iniciou seu ciclo de afrouxamento monetário em resposta à desaceleração econômica devido à crise financeira mundial. Alguns economistas aguardavam, contudo, uma redução de 0,5 ponto percentual. O banco central do país justificou, contudo, que ainda há espaço para ajustes monetários se houver necessidade.

Finalmente, nos voltando para nossa região, vimos que a Justiça francesa congelou 1 milhão de Euros de uma conta que o governo argentino mantém no país. A conta era usada pela Embaixada argentina em Paris e foi bloqueada a pedido de um fundo de investimentos que tem títulos da dívida argentina em default. Segundo o jornal La Nación, pessoas ligadas ao fundo Elliot disseram que a decisão da França é uma medida preventiva até o julgamento final sobre o embargo desses ativos. A Argentina já havia sofrido um revés na Justiça americana: na quinta passada, um juiz de Nova York determinou que o país



informe aos detentores dos títulos argentinos quais são os ativos que possui nos Estados Unidos e pelo mundo. O governo da presidente Cristina Kirchner disse que a decisão viola a soberania argentina.

Cenário Interno

O Deutsche Bank, uma das maiores instituições financeiras da Europa, avalia que o Brasil vai sair da crise econômica global mais forte do que boa parte dos outros países emergentes e em desenvolvimento. O banco alemão aponta vários fatores de vantagem do Brasil em comparação a muitos países que lutam com substancial peso da dívida e sistemas bancários debilitados. Em nota assinada por seu analista de América Latina, Markus Jagger, o banco alemão menciona, primeiro, que as necessidades de financiamento externo do Brasil são pequenas, e a conta corrente deverá ser financiada amplamente pela entrada de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED). Além disso, a política fiscal e a solvência do setor público não preocupam no momento, o Brasil tendo margem para fazer políticas anti-crise. Outra vantagem do Brasil, na avaliação do banco alemão, é o espaço para continuar cortando juros: taxa de juros mais baixa combinada com um sistema bancário bem capitalizado poderão cedo ou tarde reativar o crédito e retomar a demanda doméstica no país.

Internamente, as medidas do Governo para resgatar o crédito e impulsionar a atividade no país continuam. O ministro das Cidades, Márcio Fortes, afirmou que a partir da próxima segunda-feira, as novas regras do pacote habitacional serão divulgadas pela Caixa Econômica Federal, para que o mesmo esteja de fato funcionando a partir desta data. As medidas visam reduzir exigências e desburocratizar a linha de crédito de R\$ 3 bilhões para o capital de giro das construtoras. O cadastro será organizado pelos municípios, estados, entidades representativas, movimentos sociais. Márcio Fortes ainda comentou que as cidades com número de habitantes entre 50 mil e 100 mil e que estejam em situação de calamidade, déficit habitacional e crescimento populacional acima da média terão condições específicas para também implementarem o programa.

Contudo, segundo avaliação da relatora especial da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Moradia Adequada, Raquel Rolnik, o pacote habitacional do governo, que prevê a construção de 1 milhão de casas, corre o risco de reproduzir falhas da políticas de moradia que ao longo dos anos criou cidades baseadas na segregação espacial e sem garantia de acesso das populações de baixa renda aos equipamentos urbanos: tradicionalmente a política habitacional praticada no país fala apenas da casa e não do lugar na cidade, e deixa que isso seja resolvido no mercado, o que faz com que a moradia popular acabe se instalando onde não existe cidade, em periferias, em situação de homogeneidade social, formando guetos. A inclusão de elementos que fortaleçam os instrumentos de organização territorial dos municípios, como os planos diretores, e outros previstos no Estatuto das Cidades são aperfeiçoamentos que ainda podem ser incluídos no pacote, na avaliação da especialista. A secretária nacional de Habitação do Ministério das Cidades, Inês Magalhães, reconhece que o governo não preparou nenhuma medida específica de planejamento urbano no âmbito do plano, mas argumenta que, por se tratar de uma medida prioritariamente econômica, para geração de empregos, o pacote não pretende trazer soluções do ordenamento das cidades. A expectativa da secretária Inês Magalhães é de que os programas desenvolvidos pelo Ministério das Cidades até agora sejam suficientes para amortecer os possíveis impactos do aumento maciço da oferta habitacional.

Ainda em relação às medidas do Governo, durante a comemoração aos 50 anos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou na segunda-feira, em Montes Claros, Minas Gerais, decreto que complementa a regulamentação das zonas de processamento de exportação (ZPE). As ZPEs são áreas em que as empresas têm produção destinada à exportação e são isentas de impostos na compra de bens e serviços nacionais. Entre os tributos de que as empresas estão isentas incluem-se o

Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e os Programas de Integração Social (PIS) e de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep). As empresas instaladas em uma ZPE podem também manter em bancos estrangeiros o recurso proveniente da venda para o mercado externo. Os incentivos valem por 20 anos, prorrogáveis por período. O decreto assinado prevê os critérios para criação, gestão, fiscalização e punições nas ZPEs. Com a regulamentação complementar, o Conselho Nacional das Zonas de Processamento de Exportação poderá analisar 15 pedidos para a instalação das zonas em 12 estados. O colegiado é formado pelos ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Planejamento, Meio Ambiente e da Fazenda, Casa Civil e Integração Nacional.

Na mesma linha, a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado aprovou, com 10 votos favoráveis e três contrários, projeto do senador José Agripino (DEM-RN) que concede isenção da Contribuição para os Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PIS/PASEP) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) incidentes sobre a receita bruta decorrente da venda dos seguintes produtos escolares: cola, artigos escolares confeccionados com plástico, borracha de apagar, pasta e mochila, agenda, caderno, classificador, pincel, caneta esferográfica, caneta e marcador com ponta de feltro, lápis. O objetivo é que seja retirado dispositivo que estende a isenção aos produtos escolares importados.

A Federação Brasileira de Bancos, que representa cerca de 120 bancos brasileiros, assinou com o Ministério do Meio Ambiente na terça-feira um protocolo verde, se comprometendo a oferecer linhas de financiamento a empresas com boas práticas ambientais. O acordo já havia sido assinado com os bancos públicos e se expande agora para o setor privado. Na prática, significa que os bancos considerarão o fator ambiental na hora de conceder crédito. As empresas que quiserem empréstimos terão de preencher um formulário

explicando como é tratado o lixo, se há reciclagem de material, etc. Em alguns casos poderá haver até uma inspeção in loco. Para o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, a assinatura desse acordo representa um avanço histórico. Segundo ele, o país passou do tempo em que os ambientalistas eram vistos como malucos que paravam para ouvir o canto dos pássaros para o patamar atual, em que critérios ambientais passam a ser incorporados nas decisões econômicas. O protocolo verde é voluntário e caberá a cada banco aderir ou não. Minc, no entanto, acredita que ele tem um valor simbólico muito grande e representa uma mudança de comportamento.

O governo vai permitir que 49,2 mil produtores rurais ganhem descontos no pagamento de R\$ 8,2 bilhões em débitos inscritos em Dívida Ativa da União. Segundo a portaria 643/2009 publicada na quarta-feira do Diário Oficial, quem decidir quitar totalmente a dívida terá direito a um desconto de até 70%. Também será possível parcelar o endividamento em até 10 anos, sendo que o desconto pode chegar a 65%. Além disso, no caso do parcelamento, o valor da prestação será corrigido pela taxa Selic. O benefício será concedido a produtores cujos débitos sejam inscritos em Dívida Ativa até 29 de maio de 2009. A quitação dos débitos pode ser feita até 30 de dezembro de 2009; já a adesão ao parcelamento pode ser feita até 30 de junho de 2009. A portaria 643 regulamenta a lei 11.775 de 2008. De acordo com a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN), o produtor que deixar de pagar uma parcela será excluído do benefício. As parcelas podem ser pagas anualmente ou semestralmente.

No que diz respeito à sensibilidade dos agentes na economia, conforme divulgado pela Fecomércio, a confiança dos consumidores paulistas recuou em abril, para 124,9 pontos, configurando uma queda interanual de 16,2%. Ainda que a queda tenha sido forte, o patamar ainda mostra certo otimismo dos consumidores, já que a pontuação permanece acima dos 100 pontos considerados neutros. Entre

os componentes do índice de confiança, o de expectativas caiu para 129,7 pontos, uma queda de 10% em relação a abril do ano passado, ao passo que o indicador que avalia a situação atual registrou 117,5 pontos (-25,4% no interanual). A redução na confiança do consumidor e a piora na avaliação das condições econômicas estão intimamente ligadas à deterioração do cenário econômico internacional e, ainda que em menor escala, à deterioração do cenário doméstico. Esta redução da confiança do consumidor afeta negativamente o consumo, em especial de bens duráveis e ligados ao crédito.

Em relação ao consumo, uma pesquisa da Nielsen mostra que o consumo no primeiro bimestre já desacelerou: em algumas categorias, como perecíveis, já havia caído em 2008, para 2007, e neste início de ano caiu mais um pouco. A pesquisa mostra que os consumidores estão mais cautelosos e vão reduzir gastos: pelos dados, 45% dos entrevistados vão cortar despesas com refeições fora de casa, 44% com telefonia celular (que está em desaceleração este ano), 37% com produtos eletroeletrônicos, 30% com roupas e 17% vão cortar no abastecimento do lar. O consumidor já mudou seus hábitos e está comprando menos produtos de maior valor agregado. As pessoas admitem cortar gastos, trocar marcas e estão mais pessimistas do que na crise de 2003. De 1994 a 2007, dobrou o volume de vendas no país nas categorias auditadas pela Nielsen, mas em 2008 o aumento foi só de 0,5%. Este ano, a tendência é de queda e de mudança de hábito. As classes C, D e E, até o ano passado, dividiram suas despesas do dia a dia com prestações dos novos equipamentos das casas. Na classe C foram mais 800 mil novos lares com máquinas de lavar e mais 1 milhão deles com micro-ondas. Nas classes D e E, foram mais 650 mil lares com TV colorida. No setor de bebidas, uma novidade ganhou espaço: as feitas à base de soja entraram em mais 2,2 milhões de novos lares em 2008, e o maior crescimento deste setor foi nas classes D e E, que passaram a consumir 32% mais. Com o pessimismo em alta, o primeiro item a ser cortado é alimentação fora de casa, e o segundo são os gastos com telefonia celular, que nos últimos

anos ganharam espaço no orçamento doméstico. Alguns produtos têm marca consolidada, como creme dental, e não devem ter muita migração. Já refrigerantes, cervejas, margarinas e chocolates têm marcas conhecidas, mas há espaço para inovações em embalagens. Outros produtos da cesta de consumo, como papel higiênico, iogurtes, biscoito, amaciantes, shampoo, lâmina de barbear, café, as linhas de pós-shampoo e tinturas têm mais risco de mudança de marca, segundo avaliação dos especialistas. O ano passado marcou a fronteira entre a abundância e a crise: foi de crescimento acelerado nos três primeiros trimestres e despencou no último. E isso de certa forma se vê no consumo: os números de 2008 ainda são de crescimento, mas foi no fim do ano que o consumidor começou a pisar no freio.

Olhando agora para os indicadores da economia, conforme divulgado na terça-feira pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), as vendas reais da indústria avançaram 0,7% em fevereiro em relação a janeiro deste ano, com ajuste sazonal, após forte queda de 2,6% em janeiro ante dezembro de 2008. No entanto, na comparação anual, a queda continua forte. O mesmo aconteceu com as horas trabalhadas na indústria: as horas trabalhadas na produção da indústria nacional subiram 0,2% em fevereiro no confronto com o mês anterior pelo critério dessazonalizado e aumentaram 0,4% sem ajuste sazonal; perante fevereiro de 2008, foi observada baixa de 8,4% nas horas trabalhadas na produção; no primeiro bimestre, a redução foi de 7,8%. A massa salarial real da indústria de transformação cedeu 2,8% em fevereiro perante o mês antecedente, mas avançou 0,4% no comparativo com o segundo mês de 2008; no acumulado janeiro-fevereiro, foi registrado 1% de aumento. O emprego recuou 1,1% em fevereiro frente a janeiro, completando o quarto mês consecutivo de queda na margem, atingindo a maior taxa negativa da série dessazonalizada. Esta redução da taxa de emprego afeta diretamente a evolução da massa salarial da indústria, que cresce em um ritmo mais lento. No mesmo sentido, o Nível de Utilização da

Capacidade Instalada (NUCI) manteve-se estável, em 77,8% em fevereiro, na comparação com janeiro, em termos dessazonalizados. Contudo, o índice ainda situa-se em níveis historicamente baixos. A CNI destaca em relatório que o uso da capacidade do parque fabril registrou estabilidade em fevereiro após três meses de queda. O indicador saiu de 82,6% em outubro de 2008 para 77,8% em janeiro deste ano, patamar mantido em fevereiro. O organismo afirma que é o menor nível desde julho de 2003 (77,7%). Desde o início da crise global, a queda no nível de utilização da capacidade foi generalizada, sendo que alguns setores apontam recuo de dois dígitos em relação a fevereiro de 2008: Metalurgia Básica (de 90,6% para 70,2%), Refino e Álcool (81,8% para 65%) e Veículos Automotores (88,5% para 77,8%). De modo geral, a despeito de alguns sinais de estabilização na margem (tanto de horas trabalhadas, como vendas e o próprio NUCI), o patamar da atividade na indústria permanece muito baixo.

Ainda segundo a CNI, as vendas reais da indústria brasileira subiram 0,7% em fevereiro perante um mês antes pelo critério dessazonalizado. Sem ajuste, foi apurada também expansão, de 2,3%. Na comparação com fevereiro de 2008, houve, contudo, queda de 10%. No primeiro bimestre do ano, as vendas recuaram 10,9%. No relatório, o organismo explica que a alta no mês de fevereiro se deve à base mais fraca de janeiro, quando as vendas registraram queda real de 2,6% (número revisto). O forte recuo no comparativo com mesmo mês de 2008 deixa clara a retração na atividade em consequência da crise, como explica a CNI. A entidade aponta ainda que a queda de 10,9% no bimestre sobre igual período do ano anterior é o pior desempenho para um início de ano desde o início da série histórica, recalculada desde janeiro de 2003.

No setor automotivo, conforme divulgado na sexta-feira pela Fenabreve, a expectativa de encerramento da redução do IPI estimulou consideravelmente as vendas de automóveis em março: as vendas cresceram 13,0% em março em relação a fevereiro, na série com ajustes sazonais. Na comparação interanual, as

vendas expandiram 17,31%, somando 214 mil automóveis. As vendas de comerciais leves seguiram a mesma direção dos automóveis; já os caminhões e motos registram queda na variação com o mesmo período do ano passado, de 9,83% e 7,89%, respectivamente. Parte da contração da comercialização de caminhões está atrelada a desaceleração da atividade econômica; já para as vendas de motos, as condições de crédito restrito continuam a influenciar negativamente as vendas. Mesmo com estes resultados, o primeiro trimestre deste ano acabou sendo muito favorável ao setor, com crescimento das vendas de automóveis chegando a 36,8% quando comparado ao último trimestre de 2008, segundo dados dessazonalizados, mostrando recuperação incentivada pela redução do IPI e pelas diversas promoções das montadoras.

A produção de veículos cresceu 11,2% em março em relação a fevereiro (já considerando os ajustes sazonais), somando 272.372 unidades no referido mês, conforme divulgado na segunda-feira pela Anfavea. Quando comparamos com o mesmo período do ano passado, temos a queda de 4,24%. No primeiro trimestre deste ano a produção foi 16,8% inferior em relação ao mesmo período de 2008. Destaque para a pequena diferença entre o volume de automóveis produzidos e licenciados, de 272.371 e 263.177 unidades, respectivamente, sugerindo que a formação de estoques adicionais deve ter sido muito pequena em março. Além disso, o emprego no complexo automotivo registrou queda de 1,5% em março em relação a março de 2008, e as exportações cresceram 0,74% em relação a fevereiro, sendo que na comparação interanual caíram 47,3%, refletindo a demanda internacional ainda enfraquecida. Com este resultado da indústria automotiva parece que a atividade no setor está retomando, bom indicativo de recuperação para a atividade industrial como um todo em março, ainda que em patamar muito baixo em relação ao mesmo mês do ano passado.

Para citar outro setor importante na economia, por ser considerado "a embalagem da embalagem", o papelão ondulado representa o que a indústria vende para as empresas, no início da cadeia produtiva. O resultado de março das

vendas de papelão ondulado, divulgado agora pela ABPO (Associação Brasileira de Papelão Ondulado), que mostra que houve alta de 16,4% na comparação com fevereiro, e uma redução forte na queda na comparação com o mesmo mês do ano anterior (-2%, enquanto em fevereiro a taxa era de -9,72%, e janeiro, -10,11%), indica que a pior fase da recomposição dos estoques da indústria pode estar ao fim. Esse é um indicador considerado antecedente pelos economistas, ou seja, serve para sinalizar o que vai acontecer com os resultados da produção industrial e também com o PIB. Essa redução na queda, quando comparada com o mesmo mês do ano anterior, é uma boa notícia porque sinaliza que o fundo do poço pode ter ficado para trás. O consumo de energia também teve uma alta de 3,3% em março na comparação com o mesmo mês do ano passado, enquanto que em fevereiro, nessa mesma base de comparação, o registro foi de -2%. Somando estes dois indicadores antecedentes, podemos ter a sinalização de que a pior fase do ajuste de estoques já passou.

Como antes da crise as empresas estavam produzindo muito, os estoques ficaram muito elevados com a queda da atividade econômica. Num primeiro momento, o que as indústrias fizeram foi parar de produzir para queimar tudo que estava guardado. Aí a produção industrial desabou, levando junto o PIB. Março pode significar que estes estoques já estão no fim e as empresas voltaram a fazer pedidos para as indústrias. Mesmo assim, o novo ritmo de produção ainda está muito abaixo dos níveis anteriores à crise.

A produção industrial segue registrando expressivas quedas na comparação interanual, a produção industrial nos estados brasileiros seguindo a mesma direção da média nacional. Nessa base de comparação, o Espírito Santo registrou a maior queda (-29,5%), sendo puxada principalmente pelas retrações nos setores extrativos e de metalurgia básica. O único crescimento positivo em fevereiro deste ano em relação a fevereiro de 2008 foi registrado no estado do Paraná (1,5%), sendo que o setor de edição e impressão teve alta de 184,5%,

causada pelos pedidos do governo por livros e matérias didáticos, tendo em vista o início do ano letivo. Ademais, nenhuma outra surpresa que fuja da tendência nacional, ou seja, de lenta recuperação da indústria e níveis menores que registrados em 2008.

Em termos de projeções para a economia brasileira, a Pesquisa Focus, referente à semana até 03 de abril, mostra projeção para o PIB 2009 de -0,19%, ou seja, a média das previsões feitas pelos economistas ouvidos pelo Banco Central do Brasil (BACEN) aponta retração da economia brasileira este ano. É a quinta semana consecutiva de piora na estimativa, que apontava taxa zero na segunda-feira passada.

A estimativa para a produção industrial também ficou pior: foi de -2,74% para -3,06%. Ela reflete a frustração com o resultado da indústria em janeiro, que veio pior do que previa o mercado, como divulgou na semana passada o IBGE.

Com o nível de atividade diminuindo, as previsões para inflação também estão em queda: para o IGP-DI, a estimativa caiu de 3,16% para 3,03%; enquanto para o IGP-M, a taxa despencou de 3,17% para 2,71%; as expectativas para o IPCA continuaram caindo, recuando de 4,32% para 4,26% para 2009, e de 4,50% para 4,46% para 2010. O índice oficial de inflação, o IPCA, veio baixo em março, dentro do previsto pelo mercado: 0,20%. Com isso, a taxa acumulada em doze meses caiu de 5,90% para 5,61%, ainda acima da meta definida pelo Banco Central, de 4,5%, mas em clara desaceleração.

Para a taxa de câmbio de final de período de 2009 houve estabilidade, em R\$/US\$ 2,30, ao passo que para 2010, caiu de R\$/US\$ 2,30 para R\$/US\$ 2,29.

Já a meta da taxa Selic ficou estável em 9,25% em 2009 e para 2010, caiu novamente, de 9,50% para 9,38%. O Banco Central está preocupado com a rentabilidade dos títulos públicos do governo. Se a inflação terminar o ano em 4%, isso significa que os juros reais ficarão em 5,25%, menores do que a rentabilidade da poupança, que é de 6% mais a variação da TR. Os investidores

sabem fazer conta e vão correr imediatamente para o que for mais lucrativo e, com isso, o governo e os próprios bancos terão dificuldades para rolar suas dívidas, provocando um desequilíbrio total para a economia do país. Dado isso, no atual cenário, existe um piso informal para a queda da Selic, que está em torno de 9% e 9,25%, por isso a previsão para 2009 não se altera.

Olhando para os dados reais da economia, vimos que o IGP-DI registrou queda de 0,84%, acelerando a deflação em relação ao registrado no IGP-M (-0,74%), ambos referentes a março. O resultado foi determinado pela intensificação da deflação no IPA (-1,46%), em especial pelo IPA industrial, que recuou 1,16%. Os produtos de metalurgia básica, em especial o aço, além dos produtos químicos, tiveram novas quedas, o que contribuiu para o aumento da deflação dos industriais. Para o IPA agrícola, também em deflação (-2,37%), mas diminuindo o ritmo de queda, os recuos nos preços de milho, soja, feijão e carnes bovinas merecem destaque. O IPC acelerou consideravelmente, para 0,61%, pressionado pela forte aceleração de alimentação.

A primeira prévia para o IGP-M de abril mostrou recuo de 0,53%, resultado de um IPA bastante negativo (-0,94%). O IPA industrial voltou a cair fortemente (-1,19%), principalmente por conta do aprofundamento da deflação em alguns grupos como produtos químicos, derivados do petróleo e de metalurgia básica. Os produtos agrícolas, por sua vez, diminuíram sua queda, para -0,16%, já que milho, trigo, soja e carnes bovinas apresentaram elevações. O IPC continua em aceleração, 0,42%, refletindo a trajetória de alta de alimentação. Adicionalmente, o IPC, referente à primeira semana de abril, registrou alta de 0,71%, acelerando em relação à semana passada. O grupo alimentação (1,65%) se mantém como o principal responsável pela alta, além da aceleração de despesas diversas (0,76%) e de vestuário (0,33%).

O Índice Nacional da Construção Civil (INCC), calculado pelo IBGE, apresentou elevação de 0,94% em março. Um mês antes, o acréscimo correspondeu a 0,32%. O resultado, segundo o organismo, foi pressionado pelos reajustes

salariais ocorridos na Paraíba, na Bahia e no Rio de Janeiro. Em março de 2008, o indicador marcou 0,84%. O custo nacional por metro quadrado passou de R\$ 681,58 em fevereiro para R\$ 688 em março. Do total mais recente, R\$ 402,52 se referem às despesas com materiais e R\$ 285,48 são relativos aos gastos com mão-de-obra, com avanço de 0,71% e 1,28%, respectivamente, ante o segundo mês de 2009. No acumulado do ano, a alta do custo da construção foi de 1,66% e, nos últimos 12 meses, chegou a 11,67%.

Segundo o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) cresceu 0,20% em março, seguindo aumento de 0,31% um mês antes. Em março de 2008, o indicador avançou 0,51% e no primeiro trimestre deste calendário, houve elevação de 1,15%. Em 12 meses, o INPC apresentou ampliação de 5,92%, menor do que os 6,25% dos 12 meses imediatamente anteriores. O INPC é calculado entre as famílias com renda mensal de até seis salários mínimos nas nove maiores regiões metropolitanas do país, além do município de Goiânia e de Brasília. O maior índice regional ocorreu em Curitiba, com 0,44% de expansão em março. Na seqüência, apareceu São Paulo, com inflação de 0,42%. Já Belo Horizonte teve a menor leitura regional, de queda de 0,07%. O indicador também ficou no terreno negativo em Porto Alegre (-0,01%).

O IPCA apresentou elevação de 0,20% em março. Ainda que configure uma alta em relação ao resultado do IPCA-15 (0,11%) do mesmo mês, é importante lembrar que este é um resultado baixo. Entre os principais movimentos desse IPCA estão: a aceleração do grupo alimentação, para 0,30%, refletindo movimento de alta dos produtos in natura; a aceleração de habitação, para 0,25%, em especial por conta dos reajustes nos preços de gás de bujão; e a forte ampliação dos preços de vestuário (0,70%), movimento que já vinha sendo antecipado por outros índices de inflação. Além disso, destaque para a desaceleração de serviços, que passaram de 0,11% para 0,06%. Lembrando que, como cerca de metade dos itens de serviços têm sua variação repetida entre o

IPCA-15 e o IPCA, a desaceleração nos preços dos outros itens deve ter sido ainda maior. Por fim, o núcleo por exclusão também acelerou, levado pela alta de vestuário e habitação, para 0,25%, também bastante abaixo do registrado em março do ano passado.

O IPC-FIPE, referente à primeira semana de abril, registrou alta de 0,40%, mantendo a aceleração da semana anterior. Os movimentos que favoreceram essa elevação do índice foram, mais uma vez, a pressão de alta do grupo alimentação (0,81%), puxado pelos produtos in natura, e a aceleração de vestuário, que seguindo tendência sazonal, chegou a 0,73%. Destaque para a desaceleração de habitação, que passou para 0,16%, contribuindo para um índice menor.

O preço da cesta básica recuou em 15 das 17 capitais monitoradas pelo Dieese, em março. As maiores quedas ocorreram em Curitiba (-7,8%), Aracaju (-7,18%) e São Paulo (-6,51%). Conforme esperado, por conta de diversos índices de inflação que mostraram alimentação com desaceleração nos últimos meses, os preços dos principais alimentos recuaram consideravelmente. Entre os itens com maiores quedas estão feijão, arroz, carne, óleo de soja e pão francês.

A balança comercial registrou na primeira semana de abril superávit de US\$ 588 milhões, resultado de importações somando US\$ 1,163 bilhão e de exportações em US\$ 1,751 bilhão. Pelo critério da média diária, as exportações tiveram queda de 12,8% em relação ao mesmo mês do ano passado, redução principalmente explicada pelos recuos nas vendas de semimanufaturados (com destaque para óleo de soja em bruto, madeira serrada e ferro-ligas) e manufaturados (em que vale destacar a redução nas vendas de aviões, laminados planos e autopeças). Já as importações, também sob critério de média diária, tiveram resultado ainda mais fraco, queda de 33,9% na comparação interanual: as compras de combustíveis e lubrificantes, adubos e fertilizantes e equipamentos eletrônicos, registraram forte recuo e contribuíram de forma importante para esse resultado. Assim, no acumulado do ano a balança soma saldo positivo de US\$ 3,6 bilhões,

1,5% acima do saldo obtido no mesmo período de 2008, principalmente por conta de importações bastante enfraquecidas.

A estimativa da produção de grãos para a safra 2008/2009 divulgada pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostrou um aumento de 1,7% em relação à última estimativa, alcançando o patamar de 137,6 milhões de toneladas, segundo melhor resultado da série histórica. Os destaques neste aumento foram para o feijão (com alta de 8,2%), o milho (que teve elevação de 3,06%), a soja e o arroz. Apesar do aumento nas estimativas, este resultado ainda representa uma queda de 4,5% em relação à produção da safra passada. Em março, as precipitações variaram na sua regularidade e distribuição, sendo este o principal motivo da quebra da produção. Estas condições climáticas afetaram as colheitas diferentemente, de acordo com a fase do desenvolvimento da cultura, chegando a favorecer o cultivo no Mato Grosso do Sul e em Goiás. Além disso, a estimativa da área plantada foi ligeiramente reajustada em 0,4%, passando de 47,4 para 47,6 milhões de hectares, com destaque no acréscimo para a soja de 1,2% e para a 1ª e 2ª safras de feijão, respectivamente de 8,9% e 5,9%. Com isso, a produtividade da safra, medida em kg/ha, aumentou em 1,8%.

Ainda sobre o setor agrícola, o IBGE também divulgou na terça-feira o terceiro Levantamento Sistemático da Produção Agrícola da safra de 2009, para a qual estimou uma queda de 6,5% em relação à safra de 2008. A produção de cereais deverá em sua maioria recuar: soja deverá cair 2,3%, milho 12,6% e apenas o arroz deverá apresentar variação positiva na produção, 4,7%. Do total dos 25 produtos monitorados pelo IBGE, apenas 9 deverão ter sua produção ampliada nesse ano, entre eles feijão e arroz. Entre as regiões brasileiras, apenas a produção do Nordeste e do Norte deverá crescer em relação à safra de 2008, com altas respectivas de 3,8% e 0,7%. Com isso, na estimativa da Conab a produção nacional de grãos deverá chegar a 137,6 milhões de toneladas, ao passo que para o IBGE a produção será de 136,4 milhões.

Por fim, o fluxo cambial brasileiro voltou a mostrar saída de recursos do país em março, após ter fechado fevereiro com entrada de dólares. Segundo dados divulgados na quarta-feira pelo BACEN, o fluxo ficou negativo em US\$ 797 milhões no mês passado. De outubro a março, apenas fevereiro teve resultado positivo, de US\$ 841 milhões. O câmbio comercial, no qual são registrados os dados do comércio exterior brasileiro, proporcionou fluxo positivo de US\$ 3,104 bilhões em março, resultado de exportações de US\$ 12,202 bilhões e importações de US\$ 9,098 bilhões. Em abril até o dia 3, o câmbio comercial mostra resultado negativo de US\$ 269 milhões. O câmbio financeiro, no qual são fechadas as operações com capitais (investimentos em bolsa e títulos, empréstimos) e serviços (turismo, pagamento de juros, remessa de lucros), mostrou saída de dólares no país no mês passado. Nessa rubrica, as compras atingiram US\$ 22,022 bilhões e as vendas somaram US\$ 25,923 bilhões, gerando saída líquida de US\$ 3,901 bilhões. Nos três primeiros dias úteis de abril, a saída de recursos pelo câmbio financeiro somou US\$ 229 milhões. Desde o início de 2009 até o último dia 3 de abril, as saídas líquidas acumuladas somavam US\$ 3,472 bilhões, ante fluxo positivo de US\$ 10,676 bilhões em igual intervalo de 2008.

Mercado Financeiro

Em mais uma semana de ganhos nos mercados pelo mundo, a volatilidade voltou a se intensificar com novas projeções dos agentes acerca da rodada de balanços corporativos trimestrais internacionais e em relação a percepção de que os planos de ação dos diferentes governos podem levar, sim, a uma melhora no cenário atual de crise. Para aumentar ainda mais a volatilidade daqui pra frente, este mês de abril ainda teremos os dados do chamado teste de estresse das instituições financeiras nos Estados Unidos, que terão toda a atenção do mercado, que ainda não tem certeza de nada.

Analisando a semana no detalhe, vemos que esta começou de maneira negativa para os mercados brasileiros, mas tanto a perda na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) quanto à alta do dólar foram pouco expressivos se comparados aos ganhos recentes. O pregão abriu sugerindo realização de lucros, mas, no final da tarde, a pressão vendedora na Bovespa e compradora do dólar perdeu força. O mesmo foi observado nos mercados norte-americanos. Os agentes seguem apoiados na percepção de que o pior da crise teria ficado para trás.

O compasso, agora, é de espera, com foco nos resultados corporativos trimestrais nos Estados Unidos, que ajudarão a mostrar se a percepção de melhora econômica resistirá à realidade mostrada pelas empresas. A Alcoa dá a largada na temporada de balanços do índice Dow Jones. Sempre que há divulgação de balanços, os investidores fazem projeções sobre o que vai acontecer, e essa expectativa resulta em volatilidade. A tensão é grande porque existem dúvidas se o primeiro trimestre deste ano está melhor, pior, ou igual ao quarto trimestre de 2008, quando a crise se agravou. Com a divulgação dos balanços, os investidores terão uma visão mais clara sobre o que está acontecendo com a economia.

Na segunda-feira, os bancos ajudaram a limitar as perdas do Ibovespa a 0,50%, para 44.167 pontos. Na mínima do dia, o índice marcou 43.429 pontos, o que representa perda superior a 2%. O giro financeiro ficou em R\$ 3,95 bilhões.

Em Wall Street, o Dow Jones recuou 0,52%, para 7.975 pontos, depois de perder 1,9%. O S&P500 cedeu 0,83%, a 835 pontos. O Nasdaq Composite diminuiu 0,93%, a 1.606 pontos.

No câmbio, o pregão foi movimentado, com o ambiente externo menos favorável criando espaço para um ajuste de posições. Em alta desde o começo dos negócios, o dólar comercial fechou com valorização de 0,58%, negociado a R\$ 2,216 na compra e R\$ 2,218 venda.

No mercado asiático, as bolsas de valores fecharam em alta na segunda-feira, com os investidores avaliando as notícias mais favoráveis da sexta-feira passada no mercado norte-americano. É importante salientar também que o Japão pretende destinar mais US\$ 100 bilhões para estimular a economia. Este novo pacote irá ser detalhado na próxima sexta-feira. Em Hong Kong, a bolsa fechou em alta de 3,10% e no Japão, a valorização foi de 1,23%.

Na Europa, depois de altas e baixas, as principais bolsas de valores fecharam em queda, com os investidores preferindo manter a cautela em uma semana de importantes dados econômicos, destacando a decisão do Banco da Inglaterra (BoE) sobre a taxa de juros na região. A bolsa de Londres caiu 0,89%, Paris desvalorizou 0,98% e na Alemanha, o mercado acionário recuou 0,80%.

Ainda na Europa, um levantamento realizado pela PricewaterhouseCoopers mostrou que as bolsas de valores européias tiveram apenas 18 ofertas públicas iniciais (IPOs, na sigla em inglês), somando apenas 9 milhões de Euros (12,2 milhões de dólares), no primeiro trimestre. Os resultados mostraram o pior trimestre da história para o segmento, frente às 72 ofertas iniciais registradas no

mesmo período do ano anterior, que somaram 1,9 bilhão de Euros. O único ponto positivo no trimestre passado, ainda que em proporção menor, foi a bolsa de Varsóvia, que liderou em termos de número de aberturas de capital e de valores, recebendo seis ofertas públicas iniciais que somaram 4 milhões de Euros. A bolsa de Londres atraiu três IPOs. Nasdaq OMX Group e NYSE Euronext atraíram quatro e três ofertas, respectivamente, mas nenhuma delas conseguiu levantar recursos.

No cenário corporativo, as ações ON da BM&FBovespa apresentaram queda de 1,00%. A notícia de que a companhia adiou para 04 de maio a implementação de sua nova política de tarifação para os produtos e serviços do segmento Bovespa influenciou negativamente os papéis da empresa.

Na lista de maiores altas do Ibovespa estiveram presentes as ações ON da Cosan. Os papéis da empresa foram influenciados pela informação de que a Petrobrás Biocombustíveis pretende entrar como parceira no capital de empresas do setor de álcool.

As ações PN da Gol também fecharam entre as altas do Ibovespa, com valorização de 1,90%, ainda repercutindo a realização do acordo de compartilhamento de vôos com a europeia Air France-KLM, divulgado na sexta-feira que passou.

As ações da mineradora Vale e do setor de siderurgia, como Usiminas, CSN e Gerdau, apresentaram perdas, pressionadas pela previsão de retração no PIB brasileiro neste ano.

No mercado americano, em dia de agenda econômica esvaziada, o noticiário corporativo atraiu os investidores. No final de semana, o novo presidente da General Motors chegou a reconhecer uma concordata da empresa e a possibilidade de novas demissões. O setor de tecnologia também esteve no foco

dos investidores, com a notícia de que a IBM retirou a oferta para adquirir a Sun Microsystems.

Outro fato importante informado nesta segunda-feira foi o anúncio de um acordo entre o Federal Reserve (Fed), o Banco da Inglaterra (BoE), o Banco Central Europeu (BCE), o Banco do Japão e o Banco Nacional da Suíça de trocas de moedas (swap) que permitirão a oferta de liquidez de moeda estrangeira pelo banco central dos Estados Unidos a instituições financeiras americanas.

Na terça-feira, uma nova rodada de dados corporativos e econômicos internacionais negativos contaminou os negócios da Bovespa, mas o movimento foi limitado pelo contínuo ingresso de recursos externos. Depois de ter chegado a operar com ganhos durante a primeira parte do pregão, o Ibovespa seguiu de longe a queda dos índices de Wall Street e fechou em baixa de 0,78%, aos 43.824 pontos. A intensa movimentação de carteiras, com investidores trocando ações de blue chips por papéis de companhias de segunda linha, garantiu à sessão um giro financeiro de 4,3 bilhões de reais. Para profissionais do mercado, parte dos investidores valeu-se dos dados divulgados na terça-feira para seguir vendendo ações e garantir parte dos ganhos acentuados da semana passada.

Dados negativos da Zona do Euro e do Reino Unido puxaram para baixo os negócios, assim como resultados corporativos ruins. Destaque para o banco britânico Royal Bank of Scotland, que divulgou que pode cortar até 9 mil empregos nos próximos dois anos, e para a General Motors, que se preparava para uma eventual concordata. O resultado foi a terceira sessão no vermelho nas praças Europeias, enquanto os índices de Wall Street afundaram mais de 2%. O FTSE-100, de Londres, fechou com queda de 1,58%, aos 3.930 pontos. O CAC 40, de Paris, terminou com baixa de 0,94%, para 2.902. Em Frankfurt, o DAX declinou 0,63%, para 4.322 pontos. As ações do Barclays cederam 8,6% em Londres, acompanhadas pelos papéis do Lloyds, que perderam 8,5%, e do BNP

Paribas, que cederam 3% em Paris. As ações do Royal Bank of Scotland também registraram baixa de 10% na bolsa londrina.

Na Bovespa, com a queda das commodities (o barril do petróleo caiu quase 4%), os investidores partiram para a venda das blue chips: Petrobras cedeu 1,1%, para 29,97 reais; a Vale caiu 1,5%, a 28,21 reais; e a BM&FBovespa encolheu 0,76%, a 7,85 reais. Esse comportamento impediu o Ibovespa de registrar um desempenho ainda melhor, já que para empresas ligadas ao mercado doméstico o dia foi de ganhos. Para alguns analistas, esse movimento seria uma segunda etapa da entrada de recursos externos na Bovespa, tendência que desde o início de fevereiro já despejou quase 3,4 bilhões de reais no mercado. Só nos primeiros dois dias de abril, a entrada líquida foi de 1,38 bilhão de reais.

Dentre os principais alvos do otimismo dos estrangeiros, apareceu Cosan disparando 9%, a 14 reais, depois de fontes revelarem que a Santelisa Vale, uma das maiores companhias de açúcar e álcool do país, fechou a venda de 40% para a trading multinacional Louis Dreyfus. Ações de construtoras, de concessionárias de serviços públicos e das debilitadas produtoras de papel e celulose engrossaram a coluna de ganhos.

As bolsas de valores da Ásia fecharam sem tendência comum na terça-feira. Os investidores seguiam atentos aos efeitos das medidas governamentais para o reaquecimento da economia, acompanhando o movimento dos preços das commodities e aguardando os balanços corporativos. Os agentes avaliaram as palavras do primeiro-ministro do Japão, Taro Aso, sobre o novo plano para impulsionar a economia do país. Os planos governamentais passaram a representar mais peso no processo decisório dos agentes, representando uma maior esperança de saída da crise.

No entanto, a queda nos preços das commodities no mercado internacional afetou o desempenho de alguns papéis, como os da Rio Tinto, que sofreram queda de 10% no pregão. A companhia afirmou que vai cortar produção na Austrália.

O índice Nikkei 225 fechou em baixa de 0,28%, aos 8.832,85 pontos. O Hang Seng, de Hong Kong, também teve queda, de 0,46%, aos 14.928,97 pontos. Em contrapartida, em Xangai, o Shanghai Composite encerrou operações com alta de 0,80%, aos 2.439,18 pontos. Em Seul, o Kospi subiu 0,17%, aos 1.300,10 pontos.

Nos Estados Unidos, os mercados acionários encerraram o pregão da terça-feira em queda, com o temor de anúncios de resultados trimestrais corporativos ruins. O índice Dow Jones, referência da bolsa de Nova York, recuou 2,34%, para 7.789 pontos. O termômetro de tecnologia Nasdaq caiu 2,81%, para 1.561 pontos. O índice Standard&Poor's500 teve desvalorização de 2,39%, para 815 pontos. Depois do pior quatro trimestre de temporada de balanços em anos, investidores estavam esperando por outra rodada de fracos lucros, começando com a produtora de alumínio Alcoa, após o fechamento do pregão: as ações da Alcoa cederam 1,5%, para 7,79 dólares. Espera-se que os lucros das empresas que compõem o índice S&P500 caiam 36,9%, de acordo com dados da Thomson Reuters.

Foi o segundo dia de baixa depois que os mercados subiram forte na semana passada, afastando-se das mínimas de 12 anos. Apesar das perdas, o índice S&P500 está valorizado em mais de 20%, desde que bateu no momento de pior pessimismo em março, em meio à leitura de que a queda na atividade econômica está se moderando e os bancos estão se estabilizando.

Após o encerramento dos negócios, a Alcoa apresentou seus resultados, que ficaram pouco piores que o estimado. A fabricante de alumínio registrou prejuízo de US\$ 497 milhões nos três primeiros meses do ano, revertendo ganho de US\$ 303 milhões registrado em igual período do calendário passado. Os investidores interpretaram o relatório da empresa como um sinal de que o primeiro trimestre está pior do que o quarto tri do ano passado.

Pressionado pela valorização do dólar, queda nos índices de ações e pela expectativa de um novo aumento nos estoques de petróleo nos Estados Unidos, o preço do barril da commodity encerrou o dia com desvalorização de 3,72%, cotado a US\$ 49,15, o barril.

No âmbito corporativo, a Petrobras divulgou, após o encerramento dos negócios na segunda-feira, a descoberta de óleo leve e gás acima da camada de sal no litoral de São Paulo. O novo campo, denominado Piracucá, tem uma jazida estimada em 550 milhões de barris de óleo equivalente.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) aprovou um reajuste médio de 6,21% nas tarifas de energia da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e 21,56% para as tarifas da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL). As novas tarifas passarão a valer a partir de quarta-feira. As ações PN da Cemig operaram em queda de 3,22% e as ações ON da CPFL fecharam em alta de 0,45%.

A Springs Global, empresa criada após a união da norte-americana Springs com a brasileira Coteminas, anunciou na segunda-feira a aquisição de 65% da MMartan Têxtil (especializada em artigos de cama, mesa e banho) por R\$ 55 milhões.

Entre as maiores altas do dia estiveram as ações ON da Cosan, cuja valorização esteve relacionada a estratégias adotadas pela empresa para priorizar geração de caixa através da venda de ativos por conta da perda em contratação de dívidas. Além disto, os papéis foram influenciados pela informação de que a Petrobrás Biocombustíveis pretende entrar como parceira no capital de empresas do setor de álcool.

No plano corporativo internacional, a Air France-KLM, maior companhia aérea Européia, revelou na terça-feira uma queda de 9,4% no tráfego de passageiros em março e novo tombo no transporte de cargas. A empresa também relatou uma deterioração significativa nas receitas, conforme luta para ajustar

capacidade de assentos à demanda, colocando em evidência as dificuldades que a forçaram a reduzir expectativas de lucro para o ano fiscal. A Air France-KLM informou que o declínio no volume de passageiros em março alargou uma redução de quase 3% na capacidade de assentos em oferta. Isso enfraqueceu a taxa de ocupação, ou proporção de assentos vendidos, em 5,5 pontos, para 75,5%. O tráfego de cargas excluindo a Martinair, que foi consolidada em janeiro, caiu 19,2%, diminuindo a taxa de ocupação em 7,8 pontos, para 61,4%. O tráfego de cargas da companhia tende a refletir os fluxos de comércio global devido ao alcance internacional da empresa. Quedas acentuadas no tráfego de passageiros foram observadas em viagens para Ásia, que tiveram recuo de 10,7%. A Air France-KLM afirmou que as condições de sua rede Européia permaneceram difíceis.

O laboratório farmacêutico Aché anunciou que continua colhendo boa parte de sua receita nos medicamentos sob prescrição médica, com mais de R\$ 1 bilhão em vendas. No entanto, conseguiu registrar um forte crescimento nas receitas com genéricos em 2008, uma categoria que o tradicional laboratório demorou a apostar. De uma venda total de R\$ 1,49 bilhão apurada pelo Aché nas farmácias no ano passado, a companhia vendeu R\$ 284 milhões em genéricos, um crescimento de 45% em valores sobre o ano anterior, o dobro da média do mercado farmacêutico. Isso permitiu ao Aché consolidar o terceiro lugar em vendas de genéricos, atrás da Medley e do EMS, ambos nacionais. O Aché foi um dos últimos dos grandes laboratórios nacionais a ingressar no segmento de genéricos. Com uma extensa linha de medicamentos similares, foi até contra enquanto outros laboratórios nacionais avançavam apoiados pela política do governo federal. Com a aquisição da Biosintética em 2005, assumiu uma linha de genéricos. Mesmo assim, sua atuação inicial foi bastante tímida, perdendo vários registros para os donos originais, como o israelense Teva, e só agora começa a mostrar força: criou uma unidade própria para cuidar do segmento e fortaleceu

sua equipe de vendas. Provavelmente fora da disputa pelo controle da Medley que deve ficar nas mãos da francesa Sanofi-Aventis, o laboratório Aché avalia que poderá fortalecer internamente sua linha de genéricos e alcançar em dois anos os líderes do mercado brasileiro. Em 2008, o Aché registrou lucro líquido de quase R\$ 90 milhões, alta de 8% sobre o ano anterior. A receita bruta alcançou R\$ 1,91 bilhão, um crescimento de 17% em relação ao ano passado. A receita operacional líquida avançou 12,3%, para R\$ 1,071 bilhão. Boa parte do endividamento da companhia foi reduzido graças a geração de caixa, de R\$ 304 milhões no ano passado. Com isso, a dívida líquida sofreu uma diminuição de R\$ 63 milhões, caindo para R\$ 42 milhões. A relação dívida líquida sobre a geração de caixa do Aché no fim do ano foi de 0,1%. Em 2008, o laboratório criou uma área de biotecnologia, investiu R\$ 16,7 milhões em pesquisa e desenvolvimento (43% a mais), o que incluiu o início de cinco novos projetos de inovação incremental e nove programas de inovação radical. Para 2010, prevê a conclusão dos investimentos de ampliação de sua fábrica em Guarulhos (SP), que totalizam R\$ 75 milhões. Dispostos a preparar a empresa para a abertura de capital quando o cenário econômico estiver mais calmo, as famílias fundadoras do Aché decidiram criar uma empresa controladora, a Aché Holding S/A. Foi acertado ainda um acordo de acionistas válido por 20 anos. Ao mesmo tempo, eles concluíram a reestruturação societária do Aché, separando os ativos agrícolas das atividades farmacêuticas. Isso incluiu duas fazendas, que somam 50 mil hectares no município de Nova Mutum (MT), onde já criam gado. Ao contrário dos planos iniciais de plantio de cana-de-açúcar e eventual produção de etanol, os donos do laboratório vão plantar soja e intensificar a pecuária. O novo plano prevê investimentos de R\$ 50 milhões.

A Alcoa abriu a temporada de divulgação de balanços nos Estados Unidos ao informar que fechou o primeiro trimestre com prejuízo líquido de US\$ 497 milhões, equivalente a US\$ 0,61 por ação, ante lucro líquido de US\$ 303 milhões,

ou US\$ 0,37 por ação, verificado no mesmo período de 2008. É o segundo prejuízo trimestral consecutivo da empresa. A receita de vendas da líder mundial de fabricação de alumínio caiu 41% na comparação com os primeiros três meses do ano passado, tendo somado US\$ 4,15 bilhões de janeiro a março de 2009.

O Estado francês passou a ser em 31 de março o principal acionista do BNP Paribas, com participação de 17,03% do capital social da entidade por meio da Sociedade Francesa de Participações Empresariais (SPPE). O anúncio foi feito nesta terça-feira pela autoridade reguladora dos mercados financeiros da França, a AMF. O organismo informou que a SPPE subscreveu mais de 187 milhões de ações preferenciais, emitidas pelo BNP Paribas por 5,1 bilhões de Euros. Assim, o Estado francês se converteu no maior acionista do BNP, seguido pela AXA (4,83%), embora não disponha do direito de voto. O órgão regulador do setor financeiro francês explicou que a aquisição do pacote de ações se insere no marco do dispositivo anunciado pelo governo da França em 13 de outubro do ano passado, destinado a reforçar os recursos próprios dos bancos a fim de que eles possam continuar financiando a economia do país.

A petrolífera Lukoil, segunda maior da Rússia, registrou prejuízo líquido de US\$ 1,62 bilhão durante o quarto trimestre de 2008, contra um lucro de US\$ 3,21 bilhões, contabilizado no mesmo período de 2007. A perda trimestral, que não ocorria desde 2001, foi motivada especialmente por flutuações cambiais e pela queda no preço do barril de petróleo, resultante da crise internacional. A receita líquida da companhia somou US\$ 18,4 bilhões no quarto trimestre, uma queda de 26% ante o mesmo período de 2007, apesar da manutenção nos níveis de produção de petróleo.

Na quarta-feira, a Bovespa recuperou parte das perdas dos últimos dois pregões, fechando a quarta-feira acima dos 44 mil pontos, com alta de 0,82%, aos 44.181 pontos e giro financeiro em R\$ 4,61 bilhões.

Entre os ativos de maior peso no Ibovespa, Petrobras PN caiu 0,30%, para R\$ 29,88; Vale PNA avançou 0,24%, a R\$ 28,28; BM&FBovespa ON subiu 4,20%, cotada a R\$ 8,18; Bradesco PN teve valorização de 1,27%, a R\$ 25,42; e Itaú Unibanco PN perdeu 0,14%, para R\$ 28,30.

Segurando uma alta ainda mais expressiva do índice, o papel ON do Banco do Brasil caiu 8,15%, para R\$ 17,35, com o terceiro maior volume do dia. A queda foi uma reação do mercado à troca de comando promovida na estatal.

Em Wall Street, depois de oscilar entre ganhos e perdas, o Dow Jones, garantiu alta de 0,61%, para 7.837 pontos. O S&P500 ganhou 1,18%, a 825 pontos. O Nasdaq Composite aumentou 1,86%, a 1.590 pontos.

As bolsas da Ásia fecharam com quedas fortes na quarta-feira: Hong Kong caiu 3,04%, Tóquio, 2,69%; Shanghai, 3,8%; Taiwan, 2,4%. Na Coreia do Sul, o índice KOSPI fechou em queda de 2,9%, e na Austrália, o índice ASX 200 recuou 2,3%. No Japão, as ações da Sharp sofreram queda de 6,1% depois de revisar para baixo sua estimativa de balanço. O número de falência de empresas no país atingiu o recorde em seis anos em março: 1527. As exportações em fevereiro caíram 50% na comparação com o mesmo mês do ano passado.

As bolsas Europeias encerraram o pregão da quarta-feira influenciadas por notícias melhores no setor automobilístico, por um lado, mas baixas no setor de petróleo e bancário, de outro. O FTSE-100, de Londres, caiu 0,13%, para 3.952 pontos. Em Frankfurt, o DAX fechou com alta de 0,82%, aos 4.357 pontos. O CAC 40, de Paris, fechou em 2.921 pontos, com valorização de 0,65%.

Pelo lado negativo, em Londres, as ações de petroleiras seguraram o índice em baixa: os papéis da Royal Dutch Shell caíram 0,81% e os da BP cederam 0,51%. No setor financeiro, as ações do Bank of Ireland caíram 7,3% e os do Allied Irish Banks recuaram 5,4%. Ademais, a Moody's reduziu a classificação de risco de financeiras irlandesas e o governo da Irlanda informou que comprará mais de

US\$ 120 bilhões de débitos de grandes instituições para resguardar o sistema bancário.

Pelo lado positivo, as ações da Daimler foram destaque, com alta de 7,87%, após a montadora informar que, apesar de esperar perdas significativas no primeiro trimestre, prevê melhora gradual nos resultados ao longo do ano. Outras montadoras também avançaram, como a BMW, cujos papéis ganharam 6,37%. O governo de Angela Merkel anunciou que vai triplicar os incentivos para os consumidores que trocarem seus carros antigos por veículos novos.

O Departamento de Energia anunciou que os estoques de petróleo dos Estados Unidos subiram em 1,64 milhões de barris na semana encerrada em 3 de abril, ficando em 361,07 milhões. O mercado previa um aumento de 2 milhões de barris.

No âmbito corporativo, os papéis ON do Banco do Brasil (BB) lideraram as quedas do Ibovespa. A demissão de Antônio Francisco de Lima Neto da presidência do BB, devido à insatisfação de Luís Inácio Lula da Silva com os altos juros cobrados pelo setor bancário influenciou o comportamento negativo das ações. Lima Neto foi substituído pelo vice-presidente Aldemir Bendine, que foi anunciado oficialmente na tarde de quarta-feira.

Também entre as maiores quedas do Ibovespa estiveram as ações PN da AmBev, que repercutiram negativamente a notícia de que o governo federal estaria preparando uma elevação no IPI para bebidas alcoólicas.

A Petrobras informou na terça-feira, após o encerramento dos negócios, que irá baixar o preço do gás natural para as distribuidoras e espera que a redução chegue ao consumidor, de forma a estimular o consumo.

As ações de empresas de consumo e de construção estiveram em evidência no pregão: com a expectativa de novo corte na taxa básica de juro, a oferta de crédito aumentaria, favorecendo assim as empresas varejistas e de construção civil. Os papéis ON da B2W e os PN das Lojas Americanas subiram 12,13% e 10,05%, respectivamente. Os papéis das principais empresas do setor de construção também figuraram entre as maiores altas do Ibovespa na quarta-feira.

No cenário corporativo internacional, a empresa de eletrônicos japonesa Sharp anunciou na quarta-feira a revisão de seus resultados referentes ao ano fiscal terminado em 31 de março. As novas projeções mostram um prejuízo líquido de 130 bilhões de ienes (US\$ 1,3 bilhão) para o período. As estimativas anteriores da companhia apontavam para um prejuízo 30% menor. Se confirmada, esta será a primeira perda anual enfrentada pela empresa desde 1956. O prejuízo operacional deve ficar em 60 bilhões de ienes, o dobro do que a empresa havia previsto. No período, a empresa prevê que as vendas acumularam 2,85 trilhões de ienes no período. Mesmo com estes resultados, a companhia espera que a demanda possa retornar ao estado normal em breve e anunciou hoje que pretende abrir uma fábrica mais eficiente, com custos menores do que as demais. Segundo o presidente da Sharp Mikio Katayama, esta estratégia pode ajudar a empresa a enfrentar a crise.

A Pulte Homes, quarta maior construtora de casas dos Estados Unidos, informou que comprará a Centex, terceira maior companhia do segmento, por 1,3 bilhão de dólares em ações, no intuito de reduzir custos e superar a crise econômica. Segundo a Pulte, o acordo vai criar a maior construtora de moradias do país. As companhias disseram que o valor da aquisição representa um ágio de 32,6% sobre o preço médio da ação nos últimos 20 dias. O valor proposto é também 37,8% superior ao preço de fechamento da Centex na terça-feira. A Pulte, que deve assumir 1,8 bilhão de dólares em dívidas da Centex, possuirá cerca de 68%

da companhia combinada. O presidente-executivo da construtora, Richard Dugas, será chairman e presidente-executivo da nova empresa. Os conselhos de ambas aprovaram o acordo, que deve ser fechado no terceiro trimestre.

A Doux Frangosul obteve liminares na Justiça do Rio Grande do Sul para segurar temporariamente o pagamento de perdas milionárias decorrentes de operações com derivativos contratadas no ano passado sem ser inscrita em cadastros de inadimplentes e de restrição ao crédito. A empresa ingressou na comarca de Montenegro com ações cautelares contra os bancos UBS Pactual e Merrill Lynch, mas teve que depositar R\$ 2,75 milhões em juízo e oferecer um imóvel como caução para tocar os processos. As operações de swap foram contratadas para proteger as receitas em reais obtidas com as exportações, que representam quase 80% do faturamento da multinacional francesa no Brasil, num cenário de desvalorização do dólar. Com a súbita alta da moeda americana, porém, a empresa passou a amargar pesados prejuízos e tornou-se devedora das instituições financeiras, o que a levou a impetrar as ações em dezembro de 2008 e janeiro deste ano. O Merrill Lynch cobra cerca de R\$ 50 milhões da empresa e o UBS, outros R\$ 20 milhões. O contrato com o UBS previa que a Doux teria valores a pagar se o dólar superasse a cotação de R\$ 1,73 na data de vencimento, em 18 de dezembro do ano passado, quando a cotação fechou em R\$ 2,35. Mas, antes da valorização da moeda americana, a companhia já teria obtido ganhos de R\$ 15 milhões em outras operações realizadas com o banco.

A CSU CardSystem, administradora e processadora de meios eletrônicos de pagamento, apresentou uma prévia de seus resultados trimestrais mostrando bom desempenho no começo de 2009. O lucro líquido cresceu 169%, somando R\$ 4,3 milhões entre janeiro e março. Os números refletem o crescimento da companhia acima da média do mercado na unidade CardSystem, de processamento de meios eletrônicos de pagamento, e os resultados mais significativos provenientes da reestruturação completa da unidade Telesystem,

que responde pelas operações de contact center. A companhia encerrou o primeiro trimestre com receita bruta de R\$ 106,1 milhões, um crescimento de 20,2% sobre igual período do ano passado. Já a geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) aumentou em 35,3% no comparativo anual, somando R\$ 20,3 milhões. Segundo o diretor de relações com o investidor da CSU, Décio Burd, a crise econômica mundial não afetou o crescimento da base de cartões processados pela CardSystem, negócio mais rentável da companhia. A base de cartões processados pela CSU aumentou em 18,2% no comparativo anual, encerrando o trimestre em 20,8 milhões. Com tal resultado a companhia estima se consolidar como a maior processadora independente de cartões de crédito da América Latina, com market share de 52,6%, mais do que o dobro da participação de mercado da segunda colocada neste ranking.

Na quinta-feira, o mercado encerrou mais uma semana positiva. A Bovespa subiu acompanhando as bolsas lá de fora e fechou com alta de 3,07%, aos 45.538 pontos, o maior patamar desde 2 de outubro do ano passado. A aversão ao risco e também a redução dos investidores no dólar fizeram com que a moeda recuasse na quinta-feira e fechasse a R\$ 2,17, o menor nível desde o dia 7 de novembro de 2008.

Lá de fora, as notícias que fizeram o mercado ficar positivo começaram no Japão, com o anúncio de um novo pacote e o dado de que as encomendas de máquinas no Japão. Além disso, notícias boas do setor financeiro, como o lucro que o Wells Fargo espera, também ajudaram. Os indicadores nos Estados Unidos, como o recuo nos pedidos de seguro-desemprego e o déficit na balança abaixo do esperado ajudaram. Lá fora subiu e a Bovespa acompanhou. Nos Estados Unidos, o Dow Jones subiu 3,14%, o S&P500 ganhou 3,81% e o Nasdaq teve alta de 3,89%.

Por aqui, o dado negativo da semana foi a intervenção do governo no comando do Banco do Brasil. Na quinta-feira, as ações do banco tiveram nova queda, de 2%. Também saiu o IPCA, que veio baixo, o que abre espaço para mais corte de juros pelo Copom e estimula o mercado acionário com as empresas de varejo e as indústrias.

As bolsas de valores da Ásia voltaram a se aproximar do maior patamar em seis meses nesta quinta-feira, conforme as ações do setor de tecnologia retomaram o rali em meio a sinais de estabilização da atividade econômica. Os investidores se concentram nas expectativas de que o governo japonês amplie o pacote de resgate econômico. Outro fator de ânimo dos mercados foi o crescimento dos pedidos de máquinas no Japão em fevereiro frente a janeiro: é a primeira alta do indicador em cinco meses, o que indica um possível retorno dos investimentos das indústrias do país. Em Tóquio, o índice Nikkei 225 subiu 3,74%, aos 8.916,06 pontos. Em Hong Kong, o Hang Seng ganhou 2,95%, aos 14.901,41 pontos. O Shanghai Composite de Xangai avançou 1,38%, aos 2.379,88 pontos. Em Seul, os ganhos foram expressivos, com o Kospi valorizando 4,30%, aos 1.316,35 pontos.

O Banco da Coreia manteve a taxa básica em 2%, mínima recorde. O órgão informou que ainda há espaço para reduzir a taxa de juros, mas também que a economia estava recuperando o fôlego depois do rápido declínio. Os comentários otimistas incentivaram a bolsa de Seul, que alcançou o maior nível de fechamento em seis meses, com alta de 4,3%, a 1.316 pontos.

Os mercados acionários Europeus registraram alta na quinta-feira, impulsionados por notícias corporativas e econômicas dos Estados Unidos, como o resultado surpreendente do Wells Fargo que deu impulso ao setor bancário. O índice Europeu de ações fechou com valorização de 2,07%, para 778 pontos. O indicador avançou 0,8% na semana encurtada pelo feriado da Sexta-feira Santa. O Barclays deu um salto de 12,5% após o banco britânico ter confirmado a venda

de sua unidade iShares para o grupo CVC Capital Partners por 4,4 bilhões de dólares. Dentre outros bancos que registraram ganhos, Banco Santander, Deutsche Bank, HSBC, Lloyds, Société Générale e UBS subiram entre 3,7 e 10,1%.

O Wells Fargo, quarto maior banco dos Estados Unidos, disparou mais de 30% depois de ter divulgado resultado preliminar mostrando que teve lucro líquido de cerca de 3 bilhões de dólares no primeiro trimestre. A instituição informou ainda que a aquisição do Wachovia está caminhando melhor do que o esperado.

O banco de hipotecas Hypo Real Estate saltou 15% após o governo alemão ter se oferecido para comprar a instituição, maior vítima resultante da crise financeira para o país.

O ING Group disparou 17,8% depois de ter afirmado que planeja vender operações no valor de 8 bilhões de Euros (10,6 bilhões de dólares) para reduzir o risco e focar em atividades bancárias na Europa.

Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 1,48%, a 3.983 pontos. Em Frankfurt, o índice DAX ganhou 3,06%, para 4.491 pontos. Em Paris, o índice CAC-40 subiu 1,82%, para 2.974 pontos. Em Milão, o índice Mibtel encerrou em alta de 2,25%, a 13.879 pontos. Em Madrid, o índice Ibex-35 registrou valorização de 3,57%, para 8.704 pontos. Em Lisboa, o índice PSI20 avançou 1,71%, a 6.562 pontos.

No plano corporativo, as ações ON do Banco do Brasil operaram entre as maiores quedas do Ibovespa. O mau desempenho dos papéis da instituição ainda é reflexo do afastamento de Antônio Francisco Lima Neto da presidência do Banco do Brasil. Esta ação desagradou o mercado que viu com desconfiança os indícios de ingerência política no banco. Além disso, contribuiu para a demissão do presidente, a denúncia feita pela oposição de que houve irregularidades na aquisição de outros bancos na gestão de Lima Neto.

As ações ON e PN da Petrobras apresentaram alta. Os papéis da estatal brasileira seguiram a valorização do petróleo no mercado internacional. Na Nymex, a commodity encerrou com valorização de 5,79%, sendo cotada a US\$ 52,24.

Ainda sobre a Petrobras, outras duas notícias foram destaque na quinta-feira: no período da manhã, foram desmentidos os rumores de uma possível compra da Cosan; já no período da tarde, a estatal brasileira informou a descoberta de novos indícios de petróleo no ex-bloco BS-500, atualmente denominado campo de Uruguá, no pós-sal da bacia de Santos. Depois de ter sido anunciado como uma descoberta de alto potencial em 2001, o campo com predominância de gás natural entrou em fase de desenvolvimento, mas nunca chegou a produzir. Segundo o plano de negócios da companhia, Uruguá tem previsão de entrar em operação em 2010, mas ainda não há estimativa de produção diária.

Liderando as valorizações do Ibovespa no pregão, estiveram os papéis ON da Embraer. A fabricante de aviões informou que espera que suas vendas alcancem 20% de sua receita líquida total. Para atingir este objetivo, a empresa aposta no cargueiro médio e avião tanque KC-390, com o qual pretende disputar 700 encomendas em todo o mundo, alcançando um montante de US\$ 13 bilhões no período de 10 anos.

As ações PN da Klabin também figuraram entre as maiores altas do Ibovespa na quinta-feira. Segundo informações da Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO), as vendas referentes ao mês de março da empresa atingiram 183,7 mil toneladas, um avanço de 16,39% se comparadas ao mês anterior.

No plano corporativo internacional, o presidente-executivo da Fiat, Sergio Marchionne, voltou aos Estados Unidos para conversar com a potencial parceira Chrysler, afirmou uma fonte próxima à companhia na quinta-feira. Fiat e Chrysler estão tentando finalizar uma parceria até o final de abril, que ajudará a

montadora norte-americana a evitar um pedido de proteção contra falência. Na quarta-feira, o vice-presidente-executivo da Chrysler, Jim Press, afirmou que a companhia estava trabalhando intensamente para completar o acordo. A montadora tem até o final do mês para finalizar o acordo com a Fiat, prazo estabelecido pela força-tarefa do governo dos Estados Unidos. A parceria determina que a Fiat assumirá uma participação na Chrysler, que começará em 20%. Em troca, concederá acesso a sua tecnologia de carros pequenos e de plataforma de veículos.

O grupo financeiro holandês ING planeja vender operações no valor de até 8 bilhões de Euros (10,6 bilhões de dólares) para reduzir risco, focar suas operações na Europa e gerenciar separadamente os serviços bancário e de seguros. O ING, que registrou prejuízos em 2008 e recebeu uma injeção de capital de 10 bilhões de Euros do governo holandês em outubro, divulgou em um comunicado que pretende descartar atividades secundárias no valor de 6 bilhões a 8 bilhões de Euros, ou 10 a 15 negócios. A instituição, que também informou que suas operações de seguro serão focadas no futuro em serviços de seguro de vida e aposentadoria em âmbito global, previa inicialmente uma venda de ativos de entre 2 bilhões e 3 bilhões de Euros e já vendeu uma participação no ING Canadá.

O grupo químico francês Rhodia espera que o segundo trimestre deste ano seja significativamente melhor que o primeiro trimestre, que apresentou performance fraca diante de demanda baixa e impacto de custos maiores com matérias-primas. A companhia está agora se beneficiando do término de consumo de estoque de insumos com preços mais caros e vendo sinais de ligeira recuperação na demanda na Ásia e na América Latina, que geram quase 45% de seu faturamento, informou o presidente-executivo, Jean-Pierre Clamadieu. Além disso, Clamadieu disse à Reuters que a Rhodia conseguiu por sua própria iniciativa negociar termos mais flexíveis para linha de crédito atual de 600

milhões de Euros. A empresa ainda tem cerca de 500 milhões de Euros de recursos disponíveis.

O grupo farmacêutico francês Sanofi-Aventis vai comprar a fabricante brasileira de medicamentos Medley em um acordo que avalia a empresa em 500 milhões de Euros (664 milhões de dólares) e que transformará a Sanofi na maior produtora de remédios genéricos da América Latina. A aquisição segue-se a vários acordos pequenos e de médio porte e também a parcerias concluídas pela Sanofi enquanto busca uma saída para expiração de patentes e lida com concorrência dos fabricantes de genéricos. A Sanofi informou na quinta-feira que assinou acordo para comprar a Medley, recebendo com isso uma participação de 12% no mercado brasileiro de medicamentos. O crescimento do setor de genéricos no país é esperado como capaz de ultrapassar taxa anual de 20% nos próximos anos. Além de marcas próprias, a Medley tem mais de 127 drogas genéricas em seu portfólio e teve faturamento de cerca de 153 milhões de Euros no ano passado. A Medley é a terceira maior fabricante de medicamentos do Brasil e importante produtora de genéricos. A companhia francesa informou este mês que comprou a fabricante mexicana de genéricos Laboratorios Kendrick, enquanto adquiriu por 2 bilhões de dólares a produtora tcheca de medicamentos genéricos Zentiva, pulando da 23ª para a 11ª posição entre os maiores fabricantes desse tipo de remédio no mundo.

A maior rede de varejo do mundo, Wal-Mart, anunciou na quinta-feira um aumento de 1,4% nas vendas de março em lojas nos Estados Unidos, número menor do que o esperado. Apesar disso, a companhia informou que espera que o resultado trimestral fique no topo de suas expectativas. Analistas, em média, esperavam que as vendas do Wal-Mart em mesmas lojas subissem 3,2%, excluindo combustível, segundo a Reuters Estimates. A varejista informou que o fluxo de clientes em suas lojas nos Estados Unidos cresceu pelo sexto mês consecutivo, mas os consumidores, em média, gastaram menos.

O banco britânico Barclays Plc acertou a venda de sua divisão de fundos negociados em bolsa iShares para a empresa de private equity CVC Capital Partners por 3 bilhões de libras (US\$ 4,4 bilhões). Conforme comunicado, o Barclays irá financiar cerca de US\$ 3 bilhões do preço de compra. A transação, segundo o executivo-chefe do banco, John Varley, traz valor significativo para a instituição.

O Wells Fargo espera registrar lucro líquido de aproximadamente US\$ 3 bilhões no primeiro trimestre de 2009, ou US\$ 0,55 por ação. O resultado inclui US\$ 372 milhões em dividendos pagos aos contribuintes americanos devido a um programa do Departamento do Tesouro do país. O banco irá apresentar seu resultado financeiro no dia 22 deste mês.

Finalmente, na sexta-feira não tivemos dados para o mercado financeiro devido a Sexta-feira Santa.

IBOVESPA - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Cosan ON	14,98	21,38	Banco do Brasil ON	16,86	-11,72
B2W Varejo ON	27,00	18,52	Telemar N L PNA	54,60	-5,63
Lojas Americanas PN	8,30	16,89	Telemar PN	32,80	-4,37
Tam S.A. PN	15,10	15,71	Telemar ON	39,70	-4,31
Aracruz PNB	2,04	12,71	Cemig PN	35,40	-4,27
Vcp PN	14,41	11,10	Br.Telecom PN	13,55	-4,11
Rossi Resid. ON	4,73	11,04	Br.Tel.Part. PN	16,69	-3,81
Lojas Renner ON	17,70	10,96	Redecard ON	25,50	-3,41
Telemig Part. PN	44,65	9,19	Ambev PN	113,10	-2,92
Vivo PN	33,76	8,90	Telesp Atual PN	48,00	-2,54

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Telemig Part. PN	44,65	53,99	Gol PN	7,05	-28,86
BMF Bovespa ON	8,55	43,53	Tam S.A. PN	15,10	-20,90
Petrobras ON	38,80	42,47	Vcp PN	14,41	-19,64
Sid. Nacional ON	37,90	38,34	Aracruz PNB	2,04	-18,07
Gafisa ON	14,40	37,28	Sadia S.A. PN	3,33	-11,21
Petrobras PN	30,84	36,62	Celesc PNB	32,00	-8,31
Eletropaulo PNB	34,19	34,09	Br.Tel.Part. PN	16,69	-4,14
Cosan ON	14,98	33,26	Gerdau Met. PN	19,35	-3,32
Lojas Americanas PN	8,30	33,13	Gerdau PN	14,70	-2,07
Tim Part. S.A. ON	6,47	31,77	Klabin S.A. PN	3,25	-1,81

Fatos econômicos da semana seguinte

SEGUNDA-FEIRA 13/04
Bacen: Pesquisa Focus (semanal)
Secex: Balança comercial (semanal)
TERÇA-FEIRA 14/04
Fiesp: Emprego industrial (março)
EUA: Índice de preços ao produtor (PPI) (março)
EUA: Índice de preços ao produtor (PPI) - exceto energia e alimentação (março)
EUA: Vendas no varejo (março)
EUA: Vendas no varejo exceto automóveis (março)
EUA: Indicadores de estoque (fevereiro)
QUARTA-FEIRA 15/04
Bacen: Fluxo cambial (semanal)
CAGED: Emprego formal (março)
EUA: Dados do setor hipotecário (semanal)
EUA: Índice de preços ao consumidor (CPI) (março)
EUA: Índice de preços ao consumidor (CPI) exceto energia e alimentação (março)
EUA: Índice Empire de atividade (abril)
EUA: Produção industrial (março)
EUA: Utilização da capacidade instalada (março)
EUA: NAHB - Índice dos construtores do mercado imobiliário (abril)
EUA: Fluxo de capitais estrangeiros (fevereiro)
EUA: Livro Bege
Alemanha: Índice de preços no atacado (março)
Japão: Produção industrial (fevereiro)
Japão: Utilização da capacidade instalada (fevereiro)

QUINTA-FEIRA 16/04
FGV: IGP-10 (abril)
FGV: IPC-S (segunda quadrissemana de abril)
IBGE: Pesquisa mensal de comércio (PMC) (fevereiro)
EUA: Pedidos iniciais de auxílio desemprego (semanal)
EUA: Construção de novas residências (março)
EUA: Permissões para novas construções (março)
EUA: Índice de atividade do Fed da Filadélfia (abril)
Zona do Euro: Índice de preços ao consumidor (CPI) (março)
Zona do Euro: Produção industrial (fevereiro)
SEXTA-FEIRA 17/04
Fipe: IPC (segunda quadrissemana de abril)
EUA: Confiança do consumidor – Universidade de Michigan (abril) - preliminar
EUA: Bernanke discursa em Washington
Zona do Euro: Balança comercial (fevereiro)
Zona do Euro: Trichet discursa em Tóquio

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.